

JUL-AGO 2018

Ministério

Uma revista para pastores e líderes de igreja

Exemplar avulso: R\$ 15,50



IDENTIDADE

O desafio de valorizar o passado
e abrir as portas do futuro



CONHEÇA SUA IDENTIDADE



Eclesiometria

Há algum tempo tenho observado com atenção as discussões acerca do que significa a identidade adventista e das modificações que ela tem sofrido com o passar dos anos. O tema é oportuno, especialmente considerando os dias de relativismo em que vivemos. Minha preocupação, contudo, encontra-se no fato de que, em alguns contextos, pontos periféricos estão assumindo a posição central na discussão, e os itens centrais estão sendo deslocados para posições periféricas.

Em sua tese doutoral, Allan Novaes (2016) propõe quatro marcas do adventismo que parecem ser úteis na definição de uma identidade denominacional. Considerando esses elementos como ponto de partida, gostaria de promover alguma reflexão sobre esse tema difícil.

A primeira marca, a *vocação apocalíptica*, é expressa na expectativa pela segunda vinda de Cristo, evidente no próprio nome da denominação. Apesar disso, observa-se que, gradualmente, a esperança do advento tem se enfraquecido na vida de muitos adventistas. George Knight é categórico ao afirmar em seu livro *A Visão Apocalíptica e a Neutralização do Adventismo* (CPB, 2010), que muitos jovens ministros e membros “nunca nem mesmo ouviram a visão apocalíptica, enquanto muitos dos mais velhos se questionam se podem ainda crer ou pregar sobre ela” (p. 108). Penso que manter acesa a chama da expectativa escatológica foi um diferencial do adventismo em seu início e deve continuar sendo a marca distintiva de nossa confissão de fé.

Na sequência, encontra-se a *autocompreensão exclusivista* do adventismo. Esse termo está relacionado à noção de que a Igreja Adventista é o remanescente bíblico do tempo do fim. Ángel Manuel Rodríguez, na obra *Teologia do Remanescente* (CPB, 2011), lembra que essa autocompreensão “tem demonstrado seu valor ao posicionar o adventismo dentro do desenrolar da história profética, servindo para definir sua natureza diante do mundo cristão e determinando sua missiologia” (p. 21). No entanto, alguns têm questionado a ideia de remanescente, enfraquecendo a estrutura missionária do movimento e diluindo sua relevância diante das vozes variadas e dissonantes que se levantam no amplo cenário cristão. Assim, entendo que a crença na missão

distintiva que fez com que o adventismo do sétimo dia emergisse das cinzas do milerismo deveria motivar os adventistas atuais a se destacarem como aqueles que “guardam os mandamentos de Deus e têm o testemunho de Jesus” (Ap 12:17).

A terceira marca, a *orientação textocentrada*, diz respeito à preocupação adventista em estimular o estudo da Bíblia e produzir literatura que dê suporte às suas crenças e práticas. Embora as Escrituras sejam o fundamento da fé, infelizmente o que se observa é um aumento gradual do analfabetismo bíblico entre muitos membros da igreja. Ao analisar essa condição, Alberto R. Timm foi contundente ao dizer que “a atual superficialidade no conhecimento das Escrituras tem contribuído, mais do que qualquer outra coisa, para obliterar a consciência profético-doutrinária da denominação” (*Revista Adventista*, jun. 2001, p. 15). Se o adventismo em suas origens encontrou sua razão de ser nas páginas da Bíblia, não deveríamos hoje nos aprofundar nas mesmas Escrituras para solidificar nossa identidade como povo em um mundo cada vez mais incrédulo e insolente?

Por fim, a última das marcas destaca a *ênfase experiencial cognitivo-racional*, algo que decorre do zelo adventista pelo entendimento intelectual da Palavra de Deus. Essa característica, outrora tão notável, lamentavelmente tem sido substituída em alguns círculos por uma ênfase predominantemente emocional e, em certo sentido, quase mística. Diante dessa constatação, creio que devemos imitar o exemplo dos pioneiros, que se voltaram às Escrituras com sede de entendimento, a fim de evitar que o adventismo ande no limiar de se tornar um movimento instável, à semelhança do sentimentalismo humano.

Ao concluir, não ignoro a complexidade que cada marca traz em si. No entanto, acredito que desconsiderar completamente as características que fizeram dos adventistas um povo peculiar seja o caminho para a mediocridade e a irrelevância. **M**



Acredito que desconsiderar completamente as características que fizeram dos adventistas um povo peculiar seja o caminho para a mediocridade e a irrelevância.”



William de Moraes

Wellington Barbosa,
doutorando em Ministério,
é editor da revista Ministério

Contribua para a **Ministério**

A revista *Ministério* é um periódico internacional editado e publicado bimestralmente pela Casa Publicadora Brasileira, sob supervisão da Associação Ministerial da Divisão Sul-Americana da Igreja Adventista do Sétimo Dia. A publicação é dirigida a pastores e líderes cristãos.

Orientações aos escritores

Procuramos contribuições que representem a diversidade ministerial da América do Sul. Diante da variedade de nosso público, utilize palavras, ilustrações e conceitos que possam ser compreendidos de maneira ampla.

A *Ministério* é uma revista *peer-review*. Isso significa que os manuscritos, além de serem avaliados pelos editores, poderão ser encaminhados a outros especialistas sobre o tema que seu artigo aborda.

Áreas de interesse

- Crescimento espiritual do ministro.
- Necessidades pessoais do ministro.
- Ministério em equipe (pastor-esposa) e relacionamentos.
- Necessidades da família pastoral.
- Habilidades e necessidades pastorais, como administração do tempo, pregação, evangelismo, crescimento de igreja, treinamento de voluntários, aconselhamento, resolução de conflitos, educação contínua, administração da igreja, cuidado dos membros e assuntos relacionados.
- Estudos teológicos que exploram temas sob uma perspectiva bíblica, histórica ou sistemática.

- Liturgia e temas relacionados, como música, liderança do culto e planejamento.
- Assuntos atuais relevantes para a igreja.

Tamanho

- Seções de uma página: até 4 mil caracteres com espaço.
- Artigos de duas páginas: até 7,5 mil caracteres com espaço.
- Artigos de três páginas: até 11,5 mil caracteres com espaço.
- Artigos solicitados pela revista poderão ter mais páginas, de acordo com a orientação dos editores.

Estilo e apresentação

- Certifique-se de que seu artigo se concentra no assunto. Escreva de maneira que o texto possa ser facilmente lido e entendido, à medida que avança para a conclusão.
- Identifique a versão da Bíblia que você usa e inclua essa informação no texto. De forma geral, recomendamos a versão Almeida Revista e Atualizada, 2ª edição.
- Ao fazer citações bibliográficas, insira notas de fim de texto (não notas de rodapé) com referência completa. Use algarismos arábicos (1, 2, 3).
- Utilize a fonte Arial, tamanho 12, espaço 1,5, justificado.
- Informe no cabeçalho: Área do conhecimento teológico (Teologia, Ética, Exegese, etc.), título do artigo, nome completo, graduação e atividade atual.
- Envie seu texto para: ministerio@cpb.com.br. Não se esqueça de mandar uma foto de perfil em alta resolução para identificação na matéria.



PASTOR ADVENTISTA

Conheça o novo portal do pastor

www.pastoradventista.org



Atualização semanal

- Artigos
- Esboços de sermões
- Download de materiais Ass. Ministerial e Evangelismo
- Material Apologético
- Recomendações de livros
- Revistas
- Biblioteca de estudos bíblicos
- Transmissões de eventos teológicos
- Banco de imagens e templates de Power Point

10 A natureza profética do adventismo

Alberto R. Timm

Uma análise histórico-teológica das três principais dimensões da autocompreensão adventista

16 O pastor e a política

Thadeu J. Silva Filho

Há compatibilidade entre a cosmovisão bíblica e as correntes políticas?

19 O único Deus verdadeiro

Cristhian Alvarez Zaldúa

A divindade de Cristo e a interpretação de João 17:3

22 Juízo e salvação

Matheus Alves

A mensagem de Naum para a igreja contemporânea

26 Liderança de peso

Júlio Leal

Reflexões sobre a arte e o ofício da liderança cristã

30 Um convite para exaltar Jesus

Uma declaração da liderança executiva da Associação Geral e dos presidentes das Divisões



10

3 Editorial

6 Entrelinhas

7 Entrevista

25 Panorama

32 Pastor com paixão

33 Dia a dia

34 Recursos

35 Palavra final



22



26

Ministério

Uma publicação da Igreja Adventista do Sétimo Dia

Ano 90 – Número 538 – Jul/Ago 2018
Periódico Bimestral – ISSN 2236-7071

Editor Wellington Barbosa

Editor Associado Márcio Nastrini

Revisoras Josiéli Nóbrega; Rose Santos

Projeto Gráfico Levi Gruber

Capa Montagem sobre imagem de Spainter_vfx

Ministério na Internet

www.revistaministerio.com.br

www.facebook.com/revistaministerio

Twitter: @MinisterioBRA

Redação: ministerio@cpb.com.br

Conselho Editorial Carlos Hein; Lucas Alves; Adolfo Suarez; Marcos Blanco; Walter Steger; Pavel Goia; Jeffrey Brown

Colaboradores Alberto Peña; André Dantas; Arildo Souza; Cornélio Chinchay; Edilson Valiante; Efraim Choque; Geraldo M. Tostes; Henry Mainhard; Ivan Samojluk; Jadson Rocha; Luis Velásquez; Raildes Nascimento; Rubén Montero; Sidnei Mendes; Tito Valenzuela



CASA PUBLICADORA BRASILEIRA
Editora da Igreja Adventista do Sétimo Dia
Rodovia SP 127 – km 106
Caixa Postal 34 – 18270-970 – Tatuí, SP

Diretor-Geral José Carlos de Lima
Diretor Financeiro Uilson Garcia
Redator-Chefe Marcos De Benedicto
Chefe de Arte Marcelo de Souza

SERVIÇO DE ATENDIMENTO AO CLIENTE

Ligue Grátis: 0800 979 06 06
Segunda a quinta, das 8h às 20h
Sexta, das 7h30 às 15h45
Domingo, das 8h30 às 14h
Site: www.cpb.com.br
E-mail: sac@cpb.com.br

Assinatura: R\$ 75,40
Exemplar Avulso: R\$ 15,50



Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio, sem prévia autorização escrita do autor e da Editora.

Tiragem: 6 mil

5953 / 38315

Quem somos nós?

Há alguns dias li um tuíte escrito por um colega, de quem infelizmente não me lembro agora, que dizia: “Tu não és o que crês que és; tu és o que crês.” Quanta verdade! Em que você crê?

Nossas crenças determinam nossas ações, as motivações de nossa vida e, por fim, nosso destino. De fato, nossas crenças refletem nossa cosmovisão. De acordo com C. Stephen Evans, “cosmovisão é uma ‘lente’ intelectual através da qual nós vemos a realidade”. James Sire, um dos principais estudiosos da cosmovisão cristã, definiu o termo com as seguintes palavras: “Uma cosmovisão é um comprometimento, uma orientação fundamental do coração, que pode ser expressa como uma história ou um conjunto de pressuposições [...] que detemos [...] sobre a constituição básica da realidade e que fornece o alicerce sobre o qual vivemos, movemos e possuímos nosso ser.”

Em um sermão pregado na sede sul-americana da Igreja Adventista do Sétimo Dia, o pastor Adolfo Suárez, reitor do Seminário Adventista Latino-americano de Teologia, afirmou que “a cosmovisão orienta nossas ideias, decisões e o modo de viver. E nosso modo de viver evidencia a cosmovisão que cultivamos”.

Dos ministros da igreja espera-se que estejam em conformidade com a cosmovisão bíblica, que fundamenta a identidade adventista do sétimo dia. Isso significa uma compreensão clara do evangelho de Cristo, inserido na moldura do grande conflito, desde o Éden caído até o Éden restaurado. A essa altura, devemos nos perguntar: Na prática, o que faz com que um pastor adventista “seja” um pastor adventista?

Em primeiro lugar, um pastor adventista está comprometido com a Divindade composta pelo Pai, o Filho

e o Espírito Santo. Um ministro deve crer em Deus como Criador, Redentor e Iniciador de um relacionamento pessoal com Ele, em redor do qual se desenvolve sua vida e seu ministério.

Além disso, um pastor adventista aceita a Bíblia como a Palavra de Deus, a fonte e o guia autoritativo para a vida, o ministério e o ensino do evangelho. Como consequência, ele concorda com as 28 Crenças Fundamentais, que expressam o entendimento do corpo de crentes, e prega em conformidade com essa expressão coletiva da fé adventista.

Na sequência, um pastor adventista tem compromisso com a mensagem, a organização e os membros da igreja. Ele não age à revelia das orientações oficiais e zela para que as recomendações do *Manual da Igreja* e dos demais regulamentos existentes na denominação sejam seguidos com as melhores motivações.

Ademais, um pastor adventista participa ativamente da missão redentora de Deus ao proclamar o evangelho salvífico de Cristo por meio do cultivo do fruto e dos dons do Espírito.

Por fim, um pastor adventista do sétimo dia é aquele que espera com ansiedade a segunda vinda de Jesus e trabalha arduamente para cumprir a missão outorgada pelo grande Mestre de “ser e fazer discípulos” que aguardam o regresso do Salvador e, por sua vez, fazem mais discípulos! Porventura, esta é a sua e a minha identidade? **IM**



Nossas crenças determinam nossas ações, as motivações de nossa vida e, por fim, nosso destino.”



Carlos Hein, doutor em Teologia, é secretário ministerial para a Igreja Adventista na América do Sul

Divulgação DSA

De volta às raízes

“Somente um retorno paradigmático profundo e espiritual às Escrituras como guia, fundamento e inspiração nos salvará da pressão ecumênica de nossos tempos, e nos permitirá cumprir a missão final neste mundo.”

por *Walter Steger*

O cristianismo atual vive uma crise de identidade. Entre as muitas causas desse fenômeno, encontra-se a exaltação das tradições humanas e dos conceitos pós-modernos de cosmovisão. O estudo da Bíblia e de suas doutrinas tem perdido espaço para a experiência sensorial e as mensagens existencialistas. É preciso se voltar para os fundamentos bíblicos da fé cristã e indagar qual é a finalidade de nossa existência como povo de Deus. Há algum tempo, o doutor Fernando Canale tem investigado esse problema e apresentado conclusões importantes acerca do assunto.

Nascido em Córdoba, Argentina, Fernando Canale tem um extenso currículo de serviços prestados à Igreja Adventista. Graduado em Teologia e Filosofia pela Universidade Adventista del Plata (UAP), em 1978 obteve seu mestrado em Filosofia pela Universidade Católica de Santa Fé e, em 1983, o doutorado em Teologia pela Universidade Andrews, Estados Unidos. Durante alguns anos foi pastor no Uruguai. Como docente da UAP, ministrou aulas nas faculdades de Pedagogia, Filosofia e Teologia. Em 1985 foi convidado a trabalhar como professor de Teologia e Filosofia Cristã ao lado do doutor Raoul Dederen, na Universidade Andrews, onde serviu até sua jubilação, em 2013. Atualmente, Fernando Canale tem atuado como professor emérito da Universidade Andrews.



Cedido pela Universidade Andrews

Em sua opinião, o que constitui a “identidade adventista”? Quais são suas principais características?

A identidade adventista é o que nos distingue dentro do cristianismo, isto é, a identidade é a essência do adventismo, o que define sua existência. O assunto da identidade, portanto, toca na questão da contribuição que o adventismo dá ao cristianismo. Além disso, a identidade é essencial para responder aos tempos ecumênicos em que vivemos. Se não sabemos o que somos, dificilmente podemos evitar ser atraídos e assimilados pelo ecumenismo. Agora, o que define a existência do adventismo é sua teologia.

Sem teologia não há identidade e, sem identidade, não há missão. A base fundamental da teologia adventista é o princípio *Sola Scriptura*, que está estabelecido na primeira crença fundamental do cristianismo.

A Igreja Adventista desenvolve sua teologia tomando por base, exclusivamente, os ensinamentos bíblicos. Os pilares do adventismo são aspectos fundamentais e gerais das Escrituras. Esses pilares são: a doutrina do santuário; a imortalidade condicional do homem; a lei de Deus, incluindo o sábado; e as três mensagens angélicas. Esses princípios gerais estabelecem os fundamentos macro-hermenêuticos sobre os quais o

quando enumeramos as características que nos distinguem no mundo cristão e das religiões não cristãs.

Portanto, a existência da Igreja Adventista como denominação cristã implica a existência de sua identidade, ou seja, as características fundamentais que a definem como uma versão universal do cristianismo. Assim, o importante não é “ter” uma identidade, mas “reconhecer” nossa identidade, seja como membros ou como líderes. É de suma importância que todos reconheçamos e internalizemos a identidade bíblica do movimento a que pertencemos, porque disso depende a salvação e a missão da igreja e do cristianismo em geral.

substituído pelo princípio das tradições humanas. Isso tem gerado uma reinterpretação do adventismo, de suas doutrinas, de suas práticas e de sua missão. Tudo isso tem mudado a maneira pela qual as novas gerações vivem o adventismo em sua prática diária.

Esse processo se estabeleceu devido a um progressivo “eclipse das Escrituras”, não somente em nível teológico-doutrinário, mas também em nível de liderança, pregação e espiritualidade das novas gerações de adventistas. Tudo isso se manifesta nos cultos, no momento da adoração, em que doutrinas e práticas que contradizem os ensinamentos e o espírito do adventismo bíblico original são introduzidas sorrateiramente. Felizmente esse não é o quadro geral da igreja nem o que se observa na maioria dos líderes e membros ao redor do mundo. Graças a Deus, a maioria está enraizada no princípio *Sola Scriptura*, que fundamenta a unidade espiritual e a missão da igreja. Meu livro *Adventismo Secular?* tem como objetivo apenas alertar nossos líderes locais e institucionais sobre a existência dessa interpretação minimizada do adventismo, para que juntos retornemos às Escrituras e superemos essa situação em todos os níveis da comunidade

adventista global.

Precisamos retornar à Bíblia no púlpito, no lar e, acima de tudo, na mente e no coração. Isso requer uma transformação espiritual e logística em nossa vida, um reavivamento e uma reforma pessoal e também denominacional.

adventismo interpreta as Escrituras, constrói sua teologia, desenvolve sua identidade como igreja e concebe sua missão global.

Qual é a importância de se ter uma identidade denominacional?

Identidade tem que ver com o fato de ser uma pessoa ou coisa específica, determinada por um conjunto de traços ou características que a diferenciam das outras. A identidade assume a existência de uma coisa ou sujeito, no nosso caso, a Igreja Adventista, e descreve as características fundamentais que a distinguem. Isso nos ajuda a entender que nossa existência é nossa identidade, a qual expressamos

Em seu livro, *Adventismo Secular?*, o senhor aborda algumas crises de identidade internas da igreja? O que o motivou a escrever sobre o assunto?

Em minha experiência como membro, pastor e professor de teologia, percebi que as novas gerações de nossa igreja, em vários lugares do mundo, passaram a entender a identidade adventista de diferentes maneiras. Essas novas formas de adventismo surgem de um abandono progressivo, ao longo de sucessivas gerações, do princípio *Sola Scriptura*, ao ponto de alguns rejeitarem a inspiração completa das Escrituras e do Espírito de Profecia. O princípio “somente pelas Escrituras” tem sido

Quais são os principais motivos que levam a uma separação teológica e prática entre a vida diária do cristão e sua salvação?

As causas são muitas e de diferentes naturezas. Por exemplo, adventistas mais conservadores são doutrinários. Refiro-me aos que aceitam os ensinamentos da igreja, mas não estudam a Bíblia por si mesmos e, dessa maneira, não desenvolvem relacionamento pessoal com Deus. Para eles, o estudo da Bíblia e a teologia não são necessários nem para a salvação nem para a missão. O importante é proclamar o evangelho

é batizar novos conversos. Estudar a Bíblia e se aprofundar nela é considerado perda de tempo. Somente a missão importa, isto é, pregar e batizar. Os teólogos são, para eles, aqueles que transmitem as doutrinas já conhecidas e aceitas às novas gerações. Essa abordagem causa separação entre a teologia e o estudo da Bíblia, a administração e a liderança pastoral da igreja. Na prática, teologia e missão se separam.

Outra causa de separação entre a teoria e a prática se deriva da “protestantização” do adventismo. Ela decorre da convicção de que o adventismo e o protestantismo concordam teologicamente em todas as doutrinas fundamentais e somente diferem em aspectos específicos e tangenciais, como a doutrina do santuário, a interpretação das profecias e o ministério profético de Ellen White. Nessa tendência generalizada, o ponto central é conceber a salvação como justificação (perdão dos pecados), excluindo a santificação, que é concebida como “fruto ou evidência” da salvação já apropriada na justificação. O importante, então, é receber a justificação, que ocorre quando respondemos à pregação da cruz. O estudo das Escrituras e da teologia não são necessários para a salvação, porque somente a prática é necessária.

Ainda outra causa que leva à separação entre a teoria e a prática é a especialização requerida pelo constante progresso na investigação das Escrituras Sagradas.

Considerando que essa problemática em relação à identidade da Igreja Adventista não é uma realidade mundial, qual deveria ser a nossa preocupação como líderes, pastores e membros na América do Sul?

Embora a Bíblia e o sistema teológico-doutrinário que nela encontramos sejam universais, o processo histórico de

recepção tem sido mediado por diferentes pessoas com experiências distintas. Isso faz com que existam histórias regionais das quais deduzimos que a crise de identidade não afete o adventismo mundial de idêntica maneira. Meu livro *Adventismo Secular?* surgiu geograficamente, da experiência e da perspectiva da igreja nos Estados Unidos, e espiritualmente, da experiência em nossas instituições educacionais onde desenvolvi meu ministério. Isso me mostrou que existem grandes diferenças em relação à maneira com que a crise de identidade afeta a igreja em diferentes partes do mundo. Entretanto, nos últimos 20 anos, progressiva e rapidamente, as no-

por meio da tríplice mensagem angélica (Ap 14:6-12).

O que os pastores podem fazer para recuperar e/ou fortalecer a identidade da igreja?

Concentrar seu ministério na compreensão, no crescimento espiritual e na aplicação do princípio fundamental do *Sola Scriptura*. Devemos continuar a revolução teológica e missionária iniciada pelos reformadores e pioneiros. Precisamos aceitar a responsabilidade que esse conhecimento nos confere para desenvolver o caráter de Cristo em nossa vida ministerial e na vida da igreja como comunidade e missão.

Devemos continuar a revolução teológica e missionária iniciada pelos reformadores e pioneiros. Precisamos aceitar a responsabilidade que esse conhecimento nos confere para desenvolver o caráter de Cristo em nossa vida ministerial e na vida da igreja.

vas tecnologias começaram a encurtar as distâncias e, portanto, as diferenças que existem entre as pessoas.

Com isso em mente, sugiro que devamos ficar alertas, especialmente os líderes da igreja, quando ouvirem a apresentação da Palavra de Deus. Precisamos retornar à Bíblia no púlpito, no lar e, acima de tudo, na mente e no coração. Isso requer uma transformação espiritual e logística em nossa vida, um reavivamento e uma reforma pessoal e também denominacional. Ela deve estar no centro de nossa identidade como igreja que anuncia a breve volta de Jesus

Essa unidade em espírito e amor é a condição para a missão pela qual Cristo orou ao Pai antes da Sua crucificação (Jo 17:23).

Como podemos evitar o perigo de perder nossa identidade denominacional?

Não permitindo a inércia, a fusão de doutrinas nem o abandono dos princípios fundamentais da Palavra de Deus. Somente um retorno paradigmático profundo e espiritual às Escrituras como guia, fundamento e inspiração nos salvará da pressão ecumênica de nossos tempos, e nos permitirá cumprir a missão final neste mundo. **M**

Diga-nos o que achou desta entrevista: Escreva para ministerio@cpb.com.br ou visite www.facebook.com/revistaministerio

CAPA

A natureza

Reflexões histórico-teológicas acerca da identidade da Igreja Adventista do Sétimo Dia

Alberto R. Timm



profética do adventismo

A Igreja Adventista do Sétimo Dia é um movimento profético que Deus trouxe à existência em meados do século 19 para pregar o “evangelho eterno [...] a cada nação, e tribo, e língua, e povo”, advertindo-os a temer a Deus e dar-Lhe glória no contexto de Seu juízo escatológico (Ap 14:6, 7). Muito mais do que uma denominação cristã, o adventismo encontra sua natureza profética em (1) ter surgido em um *tempo profético*, (2) ser assistido pela manifestação moderna do *dom de profecia* e (3) portar uma *mensagem profética* especial de abrangência mundial! Este artigo reflete sobre essas três dimensões da autocompreensão adventista.



Tempo profético

A primeira dimensão da natureza profética do movimento adventista está relacionada ao começo do “tempo do fim” escatológico (Dn 8:19; 11:35, 40; 12:4, 9), marcado por um grande terremoto e por sinais cósmicos no Sol, na Lua e nas estrelas (Mt 24:29-31; Lc 21:25-28; Ap 6:12, 13). Os adventistas entendem que esses sinais se cumpriram no terremoto de Lisboa (1º/11/1755); no Dia Escuro, seguido da noite, em que a Lua se tornou semelhante a sangue na Nova Inglaterra (19/5/1780); e na espetacular chuva de meteoros ocorrida na América do Norte (13/11/1833).

Alguns eruditos questionaram a validade desses sinais por estarem muito distantes da segunda vinda. Contudo, Jon Paulien argumentou que, “visto que os sinais celestes de 1780 e 1833 tiveram grande impacto no interesse pelo estudo da profecia, o terremoto de Lisboa de 1755 é o melhor candidato para o terremoto” de Apocalipse 6:12.² William H. Shea destacou que, no livro de Apocalipse, alguns sinais cósmicos ocorrerão durante as sete últimas pragas (16:8-11, 17-21), mas a sequência do grande terremoto, o escurecimento do Sol e a queda das estrelas está relacionada com a abertura do sexto selo (6:12-14) e não será cumprida somente no momento da segunda vinda de Jesus.³



A hegemonia medieval católico-romana foi abalada em parte pelo grande terremoto de Lisboa, ocorrido no sábado, 1º de novembro de 1755. Segundo Otto Friedrich, várias pessoas estavam reivindicando revelações sobrenaturais de que a capital portuguesa logo seria punida por sua maldade. Na noite anterior ao terremoto, o padre Manuel Portal “sonhou que Lisboa estava sendo devastada por dois terremotos sucessivos”.⁴ Embora o terremoto tenha acontecido no Dia de Todos os Santos, morreram muitos fiéis reunidos nas igrejas para a missa.

Entretanto, um abalo ainda maior foi causado pela prisão do papa Pio VI, em 15 de fevereiro de 1798, por soldados franceses liderados pelo general Louis Berthier. Esse evento marcou o fim dos 1.260 anos de supremacia papal (Ap 11:3; 12:6; cf. Dn 7:25; Ap 11:2; 12:14; 13:5) e o início do tempo do fim, quando o livro de Daniel

seria desvendado (Dn 12:9), gerando um grande reavivamento no estudo das profecias bíblicas. Enquanto isso, a população da Costa Leste dos Estados Unidos, onde o movimento adventista milerita surgiria, primeiro foi perturbada pelo misterioso Dia Escuro de 1780 e, depois, pela chuva de meteoros Leônidas de 1833. Nesse contexto, muitos acreditavam que o tempo era sole- ne, e que algo especial ocorreria em breve.

Em 1818, Guilherme Miller, pai do movimento milerita, adotando a perspectiva

historicista e o “princípio dia-ano” para interpretar tempos proféticos, identificou esses eventos com as profecias de Daniel e Apocalipse. Ao estudar Daniel 8:14 – “Ele me disse: Até duas mil e trezentas tardes e manhãs; e o santuário será purificado” – Miller entendeu que essa profecia relacionada ao tempo do fim começava em 457 a.C. e findava em 1843/44.

Diversos estudos confirmam a validade de 457 a.C. e, conseqüentemente, de 1844, como o início e o fim das 2.300 tardes e

manhãs de Daniel 8:14 (cf. Dn 9:24-27).⁵ Outros estudos confirmaram as datas de 508, 538 e 1798 em relação aos 1.260 dias de Apocalipse 11:3 e 12:6, os 1.290 dias de Daniel 12:11 e os 1.335 dias de Daniel 12:12.⁶

Portanto, há um completo sincronismo profético que sustenta nossa compreensão de que a restauração final da verdade deveria ocorrer no final das 2.300 tardes e manhãs em 1844. Os detalhes dessa restauração serão explorados mais adiante neste artigo.



Dom profético

A segunda dimensão da natureza profética do movimento adventista é a assistência fornecida pelo ministério profético de Ellen White. Ao longo dos anos, os adventistas do sétimo dia expressaram sua confiança no dom de profecia não somente em livros e artigos, mas também em várias declarações e exposições de suas crenças.⁷ Os delegados de muitas assembleias da Associação Geral aprovaram resoluções específicas expressando sua confiança nesse dom e seu compromisso com ele. Entretanto, qual é a base bíblica para a aceitação da manifestação profética nos tempos modernos?

Ao longo do tempo, os adventistas têm usado vários argumentos bíblicos em defesa de uma manifestação profética moderna dentro de seu próprio movimento.

Um deles tem por base Amós 3:7, que afirma: “Certamente o Senhor, o Soberano, não faz coisa alguma sem revelar o Seu plano aos Seus servos, os profetas” (NVI). Essas palavras expõem um padrão interessante do relacionamento de Deus com os seres humanos. Em alguns dos momentos mais cruciais da história, quando a verdade e o erro estavam em conflito, e a verdade precisava ser restaurada, essa restauração ocorreu sob uma assistência profética especial.

As Escrituras dizem, por exemplo, que (1) antes de o mundo ser destruído pelo Dilúvio, Deus chamou Noé como Seu mensageiro especial (Gn 6-8; 2Pe 2:5); (2) quando o Senhor libertou os israelitas do Egito, Ele escolheu Moisés como líder e profeta para Seu povo (Êx 3-4; Os 12:13); (3) quando Judá se afastou dele, envolvendo-se com idolatria,

Ele enviou vários profetas para alertar a nação (2Cr 36:15, 16); (4) quando Deus estava tentando manter Seu povo distante da influência paganizadora de Babilônia, Ele enviou outros profetas (Jr 25:1-14; 29:1-30:24; Ez 1:1; Dn 9); e (5) quando chegou o momento de Jesus iniciar Seu ministério terreno, Deus enviou João Batista para preparar o caminho para a vinda de Cristo (Mt 3).

Os adventistas ainda usam três argumentos adicionais das Escrituras para defender sua crença no dom profético. O primeiro é que o dom de profecia é mencionado em todas as listas importantes de dons espirituais do Novo Testamento (Rm 12:6; 1Co 12:10, 28; Ef 4:11). Esses dons foram distribuídos pelo Espírito Santo “para a edificação do corpo de Cristo, até que todos cheguemos à unidade da fé e do pleno conhecimento do Filho de Deus, à perfeita varonilidade, à medida da estatura da plenitude de Cristo” (Ef 4:12, 13). Isso significa que, enquanto a igreja não atingir o ideal de Deus, a possibilidade de que esses dons (incluindo o dom de profecia) sejam dados à comunidade cristã ainda permanece.

Outro argumento é a advertência bíblica de que os crentes não devem rejeitar alguma manifestação específica do dom profético sem uma razão convincente para isso (1Ts 5:19-21). Se o genuíno dom de profecia não fosse dado depois da era apostólica, por que tal recomendação

seria necessária? Além disso, o apóstolo João adverte seus leitores dizendo: “Amados, não deis crédito a qualquer espírito; antes, provai os espíritos se procedem de Deus, porque muitos falsos profetas têm saído pelo mundo fora” (1Jo 4:1). Por que deveríamos “testar” os profetas se nenhum profeta verdadeiro aparecesse depois da era apostólica?

Um terceiro argumento favorável à orientação profética moderna se fundamenta naquelas passagens escatológicas que falam de uma genuína manifestação do dom de profecia antes da segunda vinda de Cristo. Por exemplo, Joel 2:28 a 31 diz

que “antes que venha o grande e terrível Dia do Senhor”, muitas pessoas realmente “profetizarão”, “sonharão” e “terão visões”. Embora essa profecia tenha se cumprido parcialmente no Pentecostes (At 2:16-21), seu cumprimento também está relacionado aos sinais escatológicos do Sol e da Lua descritos em Mateus 24:29 a 31 e Lucas 21:25 a 28. Além disso, Apocalipse 12:17 se refere ao “testemunho de Jesus” como uma das principais características da igreja remanescente do tempo do fim. Esse “testemunho”, definido em Apocalipse 19:10 como “o espírito da profecia”, foi entendido pelos adventistas do sétimo dia como

tendo um cumprimento claro no ministério profético de Ellen White.⁸

Mas que papel o ministério profético de Ellen White desempenhou no processo de restauração da verdade? George R. Knight afirma corretamente que “podemos considerar o papel da senhora White na formação doutrinária [da IASD] mais como um papel confirmatório do que iniciatório”.⁹ De acordo com T. H. Jemison, seu ministério atende a “três propósitos básicos: (1) direcionar a atenção à Bíblia, (2) ajudar na compreensão da Bíblia e (3) auxiliar na aplicação dos princípios bíblicos em nossa vida”.¹⁰

Mensagem profética

A terceira dimensão da natureza profética do movimento adventista é a mensagem que deve ser pregada ao mundo inteiro em preparação para a segunda vinda de Cristo. Daniel 8:9 a 13 fala de um chifre pequeno que “cresceu” em duas dimensões: horizontalmente, “para o sul, para o oriente e para a terra gloriosa”, e verticalmente, “até atingir o exército dos céus”. Esse chifre poderoso atingiu (1) o Príncipe do exército, (2) o lugar de Seu santuário, (3) Seu ministério sacerdotal e (4) a verdade relacionada ao santuário. Mas como isso se cumpriu exatamente?

Muitos estudiosos seguiram a interpretação de Flávio Josefo (*Ant. X. 275*) e de outras fontes judaicas e cristãs antigas que sugerem ter sido Antíoco IV Epifânio o cumprimento dessa profecia, ao profanar o templo de Jerusalém e dedicá-lo a Zeus (2Mac 6:1-11).¹¹ Contudo, essa explicação não se sustenta, se levarmos em conta o fato de que Antíoco não teve a influência cósmica descrita em Daniel 8:9 a 13 (cf. Dn 7:8, 10-12, 21, 22, 23-25), e que Cristo se referiu explicitamente ao “abominável da desolação de que falou o profeta Daniel” como sendo ainda um evento futuro em relação aos apóstolos (Mt 24:15; Mc 13:14; cf. Dn 8:12, 13; 9:27).



De fato, enquanto Daniel 8:9 a 13 descreve os ataques destrutivos do chifre pequeno contra o santuário de Deus e seu sistema de verdades, Daniel 8:14 revela que, no fim dos 2.300 dias proféticos, o santuário deveria ser “purificado” (ARA) e “restaurado” (NRSV). O termo original *nisdaq* implica “a ‘restauração’ do ministério no santuário, sua ‘purificação’ do pecado e a ‘exaltação’ ou ‘vindicação’ dos santos e do santuário que foram pisoteados”.¹² Em outras palavras, o versículo 14 fala da reversão da obra profanadora do chifre pequeno que havia crescido tão extraordinariamente.

Falando da restauração das verdades bíblicas dentro dos círculos adventistas sabbatistas, Ellen White declarou: “A passagem que, mais que todas as outras, havia

sido tanto a base como a coluna central da fé do advento foi: ‘Até duas mil e trezentas tardes e manhãs; e o santuário será purificado’ (Dn 8:14).”¹³ Ela ainda acrescentou: “O assunto do santuário foi a chave que desvendou o mistério do desapontamento de 1844. Revelou um conjunto completo de verdades, ligadas harmoniosamente entre si, e mostrou que a mão de Deus havia conduzido o grande movimento do advento e indicado novos deveres ao trazer a lume a posição e a obra de Seu povo.”¹⁴

De acordo com as Escrituras, o santuário desempenha um papel fundamental no plano da salvação. Ele é o lugar da habitação de Deus (Êx 25:8; Is 6:1-4; Ap 7:15), o guardião da lei divina (Êx 31:18; 40:20; Hb 9:4; Ap 11:19) e o lugar em que a salvação está sendo oferecida (Hb 4:14-16).

Os adventistas viram as três mensagens angélicas de Apocalipse 14:6-12 como uma proclamação escatológica no tempo do fim que restaura o sistema doutrinário integrado pelo tema do santuário.¹⁵

Uma análise do desenvolvimento doutrinário adventista indica que os assuntos principais referentes ao santuário de Daniel 8:14 e à tríplice mensagem angélica de Apocalipse 14:6-12 integraram o núcleo inicial de doutrinas distintivas da denominação. São elas (1) a perpetuidade da lei de Deus e do sábado do sétimo dia, (2) o ministério celestial de Cristo, (3) Sua segunda vinda, (4) a imortalidade condicional da alma e (5) o dom de profecia.¹⁶

Em relação ao santuário como o lugar em que Cristo ministra em nosso favor, Ellen White afirmou que “a compreensão correta do ministério do santuário celestial constitui o alicerce de nossa fé”.¹⁷ “Cristo, Seu caráter e obra, é o centro e a circunferência de toda a verdade. Ele é a cadeia que liga as joias de doutrina. Nele se encontra o inteiro sistema da verdade.”¹⁸

Se decidirmos estudar a teologia adventista de uma perspectiva mais “sinfônica”, multitemática, então talvez pudéssemos considerar Deus como o centro, o grande conflito como moldura, a aliança eterna como base, o santuário como tema organizador, as três mensagens angélicas como proclamação escatológica e o remanescente como seu resultado missiológico.¹⁹

Ellen White exortou os pregadores adventistas a abordar os elementos fundamentais da mensagem em seus sermões. Ela declarou: “Há muitas verdades preciosas contidas na Palavra de Deus, mas é a ‘verdade presente’ que o rebanho necessita agora. Tenho visto o perigo de os mensageiros se afastarem dos importantes pontos da verdade presente, para se demorarem em assuntos que não são de molde a unir o rebanho e santificar a alma. Satanás tirará disso toda vantagem possível para prejudicar a Causa. Mas assuntos como o santuário,

em conexão com os 2.300 dias, os mandamentos de Deus e a fé de Jesus, são perfeitamente apropriados para esclarecer o passado movimento adventista e mostrar qual é nossa presente posição, estabelecer a fé do vacilante e dar a certeza do glorioso futuro. Esses, tenho frequentemente visto, são os principais assuntos sobre que os mensageiros se devem demorar.”²⁰

Conclusão

Atualmente as pessoas querem aceitar Cristo como Salvador, mas não como Senhor. Elas querem reavivamento, mas não reforma. Sem dúvida, “de todos os professos cristãos, os adventistas do sétimo dia devem ser os primeiros a exaltar Cristo perante o mundo”.²¹ Entretanto, ao fazê-lo, nunca devem se esquecer dos componentes distintivos de sua mensagem. George R. Knight sugere que é a mensagem profética que torna o adventismo significativo hoje e o fortalecerá no futuro.²² Afinal, a identidade adventista está ancorada em Cristo e em todos os Seus ensinamentos (Mt 4:4; 28:20; Jo 16:13), incluindo os proféticos, especialmente conforme está demonstrado na correta compreensão do santuário. **M**

Referências

- ¹ Ver P. Gerard Damsteeg, *Foundations of the Seventh-day Adventist Message and Mission* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1977).
- ² Jon Paulien, “The Seven Seals”, em *Symposium on Revelation: Book 1*, ed. Frank B. Holbrook, Daniel and Revelation Committee, v. 6 (Silver Spring, MD: Biblical Research Institute, 1992), p. 237.
- ³ William H. Shea, “Cosmic Signs Through History”, *Ministry*, fev. 1999, p. 10, 11.
- ⁴ Otto Friedrich, *The End of the World: A History* (Nova York: Coward, McCann & Geoghegan, 1982), p. 179.
- ⁵ Ver Gerhard F. Hasel, “Interpretations of the Chronology of the Seventh Weeks”, em *The Seventy Weeks, Leviticus, and the Nature of Prophecy*, ed. Frank B. Holbrook, Daniel and Revelation Committee, v. 3 (Washington, DC: Biblical Research Institute, 1986), p. 3-63.
- ⁶ Ver Alberto R. Timm, “A Short Historical Background to A.D. 508 & 538 as Related to the Establishment of Papal Supremacy”, em *Prophetic Principles: Crucial Exegetical, Theological, Historical & Practical Insights*, ed. Ron du Preez, Scripture Symposium, n.º

1 (Lansing, MI: Michigan Conference of Seventh-day Adventists, 2007), p. 207-231.

⁷ Por exemplo, *A Declaration of the Fundamental Principles Taught and Practiced by Seventh-day Adventists* (Battle Creek, MI: Steam Press of the Seventh-day Adventist Publishing Association, 1872), p. 11; *Seventh-day Adventist Church Manual* (Washington, DC: General Conference of Seventh-day Adventists, 1981), p. 39, 40.

⁸ Gerhard Pfandl, “The Remnant Church and the Spirit of Prophecy”, em *Symposium on Revelation: Book 2*, ed. Frank B. Holbrook, Daniel and Revelation Committee, v. 7 (Silver Spring, MD: Biblical Research Institute, 1992), p. 295-333.

⁹ George R. Knight, *Uma Igreja Mundial: Breve História dos Adventistas do Sétimo Dia* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2000), p. 35.

¹⁰ T. Housel Jemison, *A Prophet Among You* (Mountain View, CA: Pacific Press, 1955), p. 371.

¹¹ William H. Shea, “Early Development of the Antiochus Epiphanes Interpretation”, em *Symposium on Daniel*, eds. Frank B. Holbrook, Daniel and Revelation Committee, v. 2 (Washington, DC: Biblical Research Institute, 1986), p. 256-328.

¹² Niels-Erik Andreassen, “Translation of *Nišdaq/Katharisthēsetai* in Daniel 8:14”, em *Symposium in Daniel*, p. 495.

¹³ Ellen G. White, *O Grande Conflito* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2014), p. 409.

¹⁴ *Ibid.*, p. 423.

¹⁵ Ellen G. White, *Primeiros Escritos* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2014), p. 232-261.

¹⁶ Alberto R. Timm, *The Sanctuary and the Three Angels' Messages: Integrating Factors in the Development of Seventh-day Adventist Doctrines*, Adventist Theological Society Dissertation Series, v. 5 (Berrien Springs, MI: Adventist Theological Society Publications, 1995).

¹⁷ Ellen G. White, *Evangelismo* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2016), p. 221.

¹⁸ Ellen G. White, “Contemplate Christ's Perfection, Not Man's Imperfections”, *Review and Herald*, 15/8/1893, p. 513.

¹⁹ Alberto R. Timm, *The Sanctuary and the Three Angels' Messages*, p. 230-242, 273.

²⁰ Ellen G. White, *Primeiros Escritos*, p. 63.

²¹ Ellen G. White, *Obreiros Evangélicos* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2014), p. 156.

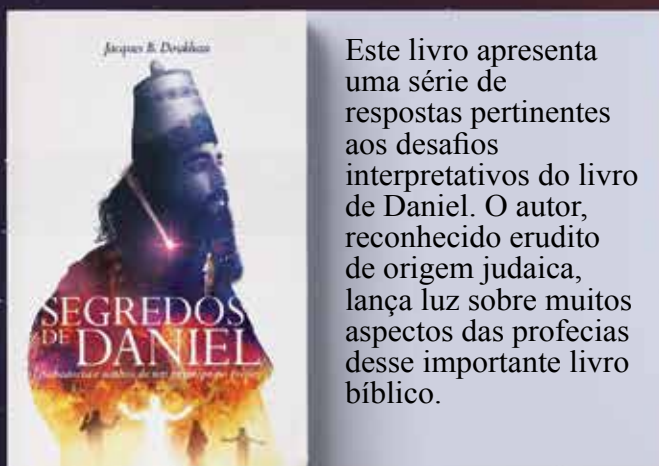
²² George R. Knight, *A Visão Apocalíptica e a Neutralização do Adventismo* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2010), p. 20.



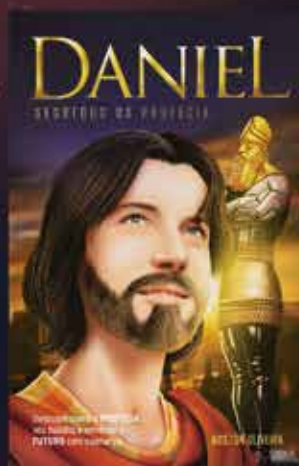
Cortesia do autor

Alberto R. Timm, doutor em Teologia, é diretor associado do Ellen G. White Estate

SEM MAIS SEGREDOS



Este livro apresenta uma série de respostas pertinentes aos desafios interpretativos do livro de Daniel. O autor, reconhecido erudito de origem judaica, lança luz sobre muitos aspectos das profecias desse importante livro bíblico.



Nos relatos históricos e nas profecias, vemos um Deus de amor que trabalha continuamente em favor de Seu povo. Neste livro, você vai conhecer os detalhes da vida e obra do profeta Daniel, que foi amado e honrado pelo Céu acima de qualquer outro mortal.

cpb.com.br | 0800-9790606 | CPB livraria | WhatsApp 15 98100-5073

Pessoa jurídica/distribuidor 15 3205-8910 | atendimento@cpb.com.br



/casapublicadora

O pastor e a política

Uma avaliação das correntes políticas à luz da cosmovisão bíblica

Thadeu J. Silva Filho

Política é o palco do poder. E poder é a imposição de uma vontade sobre a outra. Sempre que a vontade de alguém é substituída pela de outra pessoa estamos diante de uma manifestação de poder e, portanto, de algum nível de política. Geralmente, as discussões políticas giram em torno da busca por um mundo melhor construído pelo homem. Entretanto, de acordo com a cosmovisão bíblica, isso é impossível.

Como reflexo de nossa realidade, as discussões sobre ideologias políticas também alcançaram os líderes religiosos. Contudo, parece que esse assunto não deveria ocupar o tempo dos ministros do evangelho. Ellen White escreveu: "O Senhor quer que Seu povo entere as questões políticas. Sobre esses assuntos, o silêncio é eloquência. Cristo convida Seus seguidores a chegar à unidade nos puros princípios evangélicos que são positivamente revelados na Palavra de Deus."¹

Como líderes cristãos, podemos defender plenamente algum posicionamento político? O propósito deste artigo é promover essa reflexão com base nos princípios da Palavra de Deus.

Esquerda e direita

O início da discussão "direita x esquerda" tem data, lugar e cenário conhecidos: fim do século 18, na França. Tão logo foi instaurada a Assembleia Constituinte de

1789, os favoráveis à manutenção do poder do rei se sentaram do lado direito, para não se misturarem com os defensores da revolução. A partir da queda do Muro de Berlim, em 1989, apareceram muitas outras concepções sobre "direita" e "esquerda".

Uma diz que direita é quem está no poder, e esquerda, a oposição. Entretanto, ao fim do mandato, partidos e pessoas que estão de um lado podem passar para o outro, a depender de quem passa a exercer o poder. Outra diz que a diferença está ligada à propriedade, com a direita promovendo um mercado cada vez mais livre de regulação estatal, e a esquerda lutando por maior controle estatal da economia. Uma terceira compreensão vê que a polarização é uma concepção de justiça, estando no polo direito os defensores de que o dinheiro deve ir para quem trabalha mais, e no esquerdo, para quem precisa mais. Um outro ponto de vista se fundamenta nas bases filosóficas das ideologias, a ponto de ver tantas diferenças internas nos polos que preferem chamar de "as esquerdas" e "as direitas", no plural. Ainda há quem diga que o debate "direita x esquerda" não tem mais sentido diante do cenário complexo de ideologias políticas conflitantes, ao passo que um outro entendimento afirma que o cenário social chegou a tal ponto de complexidade que passou a exigir uma terceira via, o centro. Por fim, existem defensores da ideia de que esquerda e direita existirão somente enquanto os Estados Unidos forem o país mais poderoso do mundo.

Duas frases explicam com clareza os fundamentos de cada polo: para a esquerda, os problemas do mundo são causados pelas estruturas injustas da sociedade, isto é, por alguma coisa fora do ser humano. Para a direita, a fonte de todas as boas realizações

é a natureza humana, ou seja, o que está dentro do homem é bom e fundamenta toda boa coisa. Tudo o mais, de um lado ou de outro, deriva dessas duas concepções.

No que esses dois entendimentos são compatíveis com a Bíblia? Em nada! Para a cosmovisão bíblica, quem pode ser transformado é o ser humano, não o mundo. A causa do problema é o pecado, não algo fora da pessoa. O objetivo da ação de Deus é restaurar Sua imagem em Seus filhos. Os inimigos devem ser amados e os meios de existência são a comunhão pessoal com Deus, o ensino, o cuidado com o outro e a pregação do evangelho. Nosso foco não está nem para a esquerda nem para a direita, mas para cima!

A esquerda e a cosmovisão bíblica

De acordo com a cosmovisão bíblica, o cristianismo não está alinhado às ideologias de esquerda; nem mesmo aos aspectos que podem parecer iguais à primeira vista, como o amparo aos pobres, por exemplo. Quando a esquerda apresenta ideias similares às de Cristo, estabelecem-se pontos comuns, mas só na aparência. A proteção aos pobres é um discurso muito atrativo, especialmente em regiões como a América do Sul, onde há muita gente vivendo em condições precárias. No entanto, olhando com atenção, é possível ver que tal discurso não é o núcleo da ideologia da esquerda nem está relacionado à religião de Cristo, por ser uma plataforma de ação política, ou seja, algo que opera segundo a lógica do poder e que está longe do amor abnegado de Jesus. Além disso, ainda que o objetivo das esquerdas fosse emancipar o ser humano das injustiças do capitalismo (conforme Karl Marx), vê-se com ainda mais clareza que não é o mesmo objetivo de Jesus.

Qualquer pessoa que decidir auxiliar o próximo encontrará em Cristo – e não em outra pessoa ou ideia – a concretização perfeita do cuidado pelo ser humano. Ao atender miraculosamente as necessidades humanas, Jesus usou elementos conhecidos para chamar atenção para algo maior: o amor e a justiça de Deus. Assim, de acordo com a cosmovisão bíblica, a religião de Cristo pode ser vista como a religião do outro. Portanto, a missão da igreja inclui cuidar das pessoas, mas com vistas a motivá-las a querer o reino de Deus que um dia há de livrar definitivamente o ser humano da condição degradante do pecado – não para ficar aqui.

É um erro achar que a esquerda reflete o cristianismo. Há pouco tempo, a religião bíblica era a expressão de Deus revelada no Seu amor e na Sua graça, tendo Cristo como o ápice de Sua revelação. Em poucas décadas, porém, a propaganda da esquerda disse que ela era algo “social”, fazendo a religião de Jesus perder seus propósitos, deixando de transformar vidas e de anunciar as boas-novas da salvação, a fim de tratar das preocupações terrenas.

O legado mais grave da esquerda é levar as pessoas a crer que algo só existe se puder ser visto e tocado. Isso adestra o pensamento a meditar nas coisas somente a partir de fatores externos e pelas categorias humanas de pensamento, eliminando do raciocínio as explicações bíblicas.

A direita e a cosmovisão bíblica

As ideologias de direita são igualmente incompatíveis com a cosmovisão bíblica. Se a fragilidade das esquerdas consiste em afirmar que os problemas são causados por algo externo ao ser humano, e que a eliminação das estruturas injustas da sociedade faria desaparecer tais problemas, a das direitas é construir seu edifício sobre algo inerente ao homem, a saber, o egoísmo natural – entendido como algo virtuoso e fonte das realizações. É esse núcleo o que dá base a seus ideais sociais, econômicos, políticos, jurídicos, científicos e artísticos. Elas partem do princípio de que a ambição natural de acumular, o desejo inato de poder e a imagem de si como alguém mais importante do que o outro sejam as virtudes e os atributos que geram os melhores sistemas de organização da sociedade. Todas as suas outras construções derivam disso.

Há vertentes teóricas que advogam que as ideologias de direita sejam a transcrição política do cristianismo ou as que mais se aproximam dele por defender valores como a família, por exemplo. Contudo, uma observação rápida permite ver que os temas das ideologias de direita derivam

de algo absolutamente contrário aos ensinamentos altruístas de Cristo. Ainda que alguns cristãos se aproximem da direita, a adesão deles a ela não a torna um estandarte do cristianismo.

Mesmo não sendo sinônimo de cristianismo, não tendo a mesma natureza nem seu fundamento, a direita conta, de fato, com uma ala cristã – vista claramente nos Estados Unidos. Em dois aspectos essa ala cristã da direita se assemelha às ideologias de esquerda de modo nítido: entende que o mundo pode e deve ser mudado e faz dessa mudança sua bandeira de luta. Se, por um lado, a mudança proposta pelas ideologias de esquerda é acabar com as estruturas injustas da sociedade, por outro, a da ala cristã da direita é instalar o reino de Deus no mundo, como se isso fosse possível e como se essa fosse a tarefa para a qual o Senhor tivesse chamado as pessoas.

O cristão e a política

Poucas questões políticas são verdadeiramente espirituais. A liberdade religiosa é uma delas; possivelmente, a de maior relevância. É também a mais recorrente na história. A Bíblia mostra casos de violência e de perseguição gerados simplesmente contra a liberdade que as pessoas têm de adorar a Deus. As histórias de Sadraque, Mesaque e Abede-Nego, Daniel, Estevão e Paulo dão testemunho disso. Mesmo que os cristãos reconheçam o papel da autoridade temporal (Mc 12:13-17; At 26:9-12; Rm 13:1-7; 1Tm 2:1, 2; Tt 3:1, 2; 1Pe 2:13-17), continuam sendo alvo de perseguição por parte de outros indivíduos por causa da liberdade religiosa.

Um segundo aspecto também merece atenção. Quando alguém se torna cristão, ele admite a cosmovisão bíblica como normativa para si. A Bíblia se torna o critério pelo qual a realidade é julgada, incluindo as ideologias políticas, filosóficas, científicas ou de qualquer outra natureza que se apresentem. Assim, caso o cristão

queira adotar uma ideologia para viver, ela competirá com a autoridade da Palavra de Deus, e o resultado desse embate mostrará o que é mais importante para ele: se as Sagradas Escrituras ou as ideologias humanas. Ainda, se o reino de Deus não é deste mundo (Jo 18:36), e se os filhos de Deus também não são (Jo 17:14, 16, 18), por que adotar uma ideologia do mundo? Por acaso, querem viver no mundo para sempre? A admoestação de Paulo parece ser apropriada nesse sentido: “Tenham cuidado para que ninguém os escravize a filosofias vãs e enganosas, que se fundamentam nas tradições humanas e nos princípios elementares deste mundo, e não em Cristo” (Cl 2:8, NVI).

O pastor e a política

Independentemente das condições de vida de um país, a Bíblia chama as pessoas a se arrepender e crer no evangelho, proclamando que o reino de Deus está próximo. Essa é a essência da mensagem divina do Antigo ao Novo Testamento. Esse é o cerne da pregação dos reformadores do século 16, dos mileritas do século 19 e dos adventistas até a segunda vinda de Jesus. Todos os mensageiros evangélicos da história viveram em cidades com melhores ou piores condições de vida, com gente brigando por poder, mas não colocaram sua atenção no sistema nem nas circunstâncias. Em vez disso, pregaram a mensagem de juízo e de salvação, levando os ouvintes a decidir sobre seu destino eterno.

Se não pregarmos a Bíblia, quem pregará? Se misturarmos a Bíblia e a política, a Palavra de Deus será rebaixada à condição humana. Se os ministros de Deus se concentrarem nas coisas deste mundo, quem serão os pregadores do evangelho de Jesus? Quem anunciará a esperança da vida eterna? A quem as pessoas recorrerão quando quiserem aprender as Escrituras? “Todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo. Como, porém, invocarão Aquele em

quem não creram? E como crerão Naquele de quem nada ouviram? E como ouvirão, se não há quem pregue?” (Rm 10:13, 14). “Vós sois o sal da Terra; ora, se o sal vier a ser insípido, como lhe restaurar o sabor? Para nada mais presta senão para, lançado fora, ser pisado pelos homens” (Mt 5:13).

Se um pastor acha que prestaria um serviço melhor à humanidade por meio da política, não deveria ser coerente e deixar o ministério pastoral, dedicando-se à carreira política integralmente? Ellen White foi muito contundente quanto a esse assunto, ao escrever que “todo mestre, ministro ou dirigente em nossas fileiras que é agitado pelo desejo de ventilar suas opiniões sobre questões políticas, deve converter-se pela crença na verdade ou renunciar à sua obra”,² afinal, “o dízimo não deve ser empregado para pagar ninguém para discursar sobre questões políticas”.³ Em vez disso, cada ministro deve se lembrar de que a “cada dia o tempo de graça de alguém se encerra. Cada hora alguns passam para além do alcance da misericórdia. E onde estão as vozes de aviso e rogo, mandando o pecador fugir desta condenação terrível? Onde estão as mãos estendidas para o fazer retroceder do caminho da morte? Onde estão os que com humildade e fé perseverante intercedem junto a Deus por ele?”⁴ Como disse o apóstolo Paulo, “importa que os homens nos considerem como ministros de Deus” (1Co 4:1). **M**

Referências

¹ Ellen G. White, *Fundamentos da Educação Cristã* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2016), p. 475.

² Ellen G. White, *Fundamentos da Educação Cristã*, p. 477.

³ *Ibid.*

⁴ Ellen G. White, *Patriarcas e Profetas* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2014), p. 92.



Gentileza do autor

Thadeu J. Silva Filho, doutor em Sociologia, é diretor do Departamento de Arquivo, Estatística e Pesquisa da Igreja Adventista para a América do Sul

O significado de João 17:3 e suas implicações no debate sobre a Trindade

Cristhian Alvarez Zaldúa

Um dos textos bíblicos utilizados por adeptos do antitrinitarianismo para negar a divindade de Cristo é João 17:3: “A vida eterna é esta: que Te conheçam a Ti, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste.” Segundo eles, essas palavras proferidas por Jesus aos discípulos, antes da Sua morte, são evidência de que para Ele somente o Pai é Deus, porque, se para Cristo o Pai é o “único Deus verdadeiro”, evidentemente que Ele, Jesus, não pode ser Deus igual ao Pai.¹ Deve-se notar que, para os antitrinitarianos, esse é um argumento irrefutável que anula completamente a doutrina da Trindade. Portanto, é preciso analisar o assunto com cuidado.

Problemas de interpretação

Antes de analisar o texto de João 17:3, dois problemas que impedem os antitrinitarianos de entender corretamente a doutrina da Trindade devem ser destacados: (1) confusão em relação aos conceitos e (2) desconsideração ao contexto amplo da Bíblia.

Confusão dos conceitos. Um dos erros mais óbvios nas publicações antitrinitarianas, por exemplo, é que confundem Trindade com modalismo (sabelianismo). A doutrina bíblica da Trindade ensina que há três Pessoas divinas que são uma unidade, enquanto o modalismo fala de uma pessoa divina que adotou três maneiras diferentes de Se apresentar. Portanto, as diferenças entre os dois conceitos são evidentes.

Assim, nessas publicações podemos encontrar perguntas como: “Ao se aproximar o tempo da morte de Jesus, a quem Ele orou? A quem clamou? Para Si mesmo ou para uma parte de Si mesmo? [...] E se Jesus é Deus, então quem O

O
ÚNICO
DEUS
VERDADEIRO

abandonou? Ele abandonou a Si mesmo?”² Sem dúvida, essas são boas perguntas para os modalistas que não veem nenhuma diferença entre as Pessoas da Divindade, e que precisam recorrer a malabarismos interpretativos complexos para tentar explicar como uma única Pessoa pode Se apresentar como três em toda a Bíblia. Entretanto, esse não é um problema para os trinitarianos que acreditam na distinção de personalidade entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo (Mt 28:19; 2Co 13:14).³ Para os que creem na doutrina bíblica da Trindade é muito simples responder que durante Seu ministério, Jesus orou e clamou ao Pai que “está nos Céus” (Mt 5:45, 48, NAA; 7:11; 10:32).

Em um exemplo de argumento antitrinitariano, encontramos o seguinte texto: “Jesus também mostrou que Ele e Deus eram seres diferentes [...]. Quando Seus inimigos questionaram Sua autoridade, Ele lhes disse: ‘Em sua lei está escrito: O testemunho de dois homens é verdadeiro’. [...] Para considerar seu testemunho e o de Jeová como dois testemunhos, é óbvio que eles não poderiam ser o mesmo ser.”⁴ Outro texto ilustrativo dedica grande parte do seu conteúdo para apresentar o Pai e o Filho como duas Pessoas diferentes. Nele pode-se ler declarações como: “Visto que Jesus orou para estar ao lado de Deus, como poderia Ele ser ao mesmo tempo ‘o único Deus verdadeiro’? [...] Poderia ser ‘o Cordeiro’ o mesmo ‘que Seu Pai’? (Ap 14:1, 3). Obviamente que não. A Bíblia descreve Deus e Jesus como dois Seres distintos e dá nomes diferentes a cada um Deles.”⁵

É evidente que os antitrinitarianos entendem que, ao afirmar que Jesus é Deus, estamos dizendo que Jesus e o Pai são a mesma pessoa. Entretanto, sem dúvida, eles interpretam erroneamente, porque, concordamos em declarar que o Pai e o Filho são duas Pessoas distintas, porém o Filho possui a *mesma* natureza divina do Pai (Jo 1:1).

Desconsideração ao contexto. Outro grande problema que os antitrinitarianos enfrentam ao refutar a doutrina

da Trindade é se apegarem a certos textos preferidos, que parecem favorecer sua posição doutrinária, e ignorar o amplo contexto da Bíblia. Para argumentar em favor de que somente o Pai é Deus, e o Filho sempre é subordinado a Ele, reconhecendo-O como superior, eles citam várias afirmações de Jesus, por exemplo: “Mas a respeito daquele dia ou da hora ninguém sabe; nem os anjos no Céu, nem o Filho, senão o Pai” (Mc 13:32); “Pai [...] não se faça a Minha vontade, e sim a Tua” (Lc 22:42); “Eu nada posso fazer de Mim mesmo [...] porque não procuro a Minha própria vontade, e sim a Daquele que Me enviou” (Jo 5:30); “Assim como o Pai, que vive, Me enviou, [...] igualmente Eu vivo pelo Pai” (Jo 6:57); “Se vocês Me amassem, ficariam alegres com a Minha ida para o Pai, porque o Pai é maior do que Eu” (Jo 14:28, NAA).

Tomar essas declarações de maneira isolada para apoiar a inferioridade ontológica de Cristo em relação a Seu Pai não é apenas ignorar o contexto em que foram ditas, mas contradizer outra quantidade de textos bíblicos que, sem deixar lugar para dúvida, mostram claramente que Jesus é Deus (por exemplo, Jo 1:1, Tt 2:13, Hb 1:8).

O amplo contexto das Escrituras revela que Jesus pronunciou essas palavras enquanto estava encarnado, isto é, depois de ter Se despojado de Sua glória, igual à de Seu Pai. “A Si mesmo Se esvaziou, assumindo a forma de Servo, tornando-Se em semelhança de homens”, assim Ele “a Si mesmo Se humilhou, tornando-Se obediente até à morte” (Fp 2:7, 8). Nesse estado de *autolimitação*, como qualquer ser humano, Cristo dependia inteiramente de Seu Pai e esteve completamente sujeito à vontade Dele. Foi nessa condição que Jesus afirmou que Seu Pai tinha conhecimentos que Ele não tinha, ou que Sua vida dependia do Pai. Quando esse estado de humilhação terminou, o Pai “O exaltou sobremaneira e Lhe deu o nome que está acima de todo nome” (Fp 2:9). Dessa forma, embora o Filho mantenha uma natureza humana glorificada (Cl 2:9) e continue a exercer funções dentro

da Divindade, Suas limitações *autoimpostas* terminaram (Hb 1:6, 8).

Uma regra básica para não gerar contradições quando se interpreta a Bíblia é não construir uma doutrina fundamentada somente em um único texto, especialmente quando a interpretação deste conflita com outras partes das Escrituras. Portanto, qualquer interpretação de João 17:3 deve estar em harmonia com o restante da Bíblia.

Interpretação correta

A expressão “o único Deus verdadeiro” (Jo 17:3) no grego *koinē* é *ton monon alethinon Theon*. Se essa frase é tão restritiva que exclui Jesus da Sua divindade e alude que somente o Pai seja “Deus (*Theos*) verdadeiro (*alethinon*)”, então Cristo deve ser “um deus falso”,⁶ porque, no grego, o mesmo livro de João usa *Theos* (Deus) várias vezes para Ele, além das vezes em que o fez no restante da Bíblia. João 1:1 diz: “E o Verbo era Deus (*Theos*)”; 1:18 diz: “o Deus (*Theos*) unigênito, que está no seio do Pai, é quem O revelou”;⁷ 20:28 diz: “Senhor meu e Deus (*Theos*) meu!”

Os antitrinitarianos não aceitam chamar Jesus de “falso Deus”, somente um deus menor. Mas o texto diz “o único Deus verdadeiro”, e se a frase é total e absolutamente exclusiva como eles afirmam, e o único “verdadeiro *Theos*” é o Pai, não há outra conclusão além de pensar em Cristo como algum tipo de “falso deus”.

Na tentativa de não colocar Jesus na categoria de “falso Deus”, algumas denominações afirmam que os termos “Deus” e “deus” também foram atribuídos a seres humanos como Moisés (Êx 7:1), aos anjos (Sl 82:1, 6) e até mesmo ao próprio Satanás (2Co 4:4).⁸ O argumento é que, se eles receberam esses títulos sem ser “deuses verdadeiros”, então Cristo também pode aceitá-lo sem a necessidade de ser verdadeiro.

Contudo, é preciso esclarecer que em nenhum dos três casos mencionados (Moisés, anjos e Satanás), o termo “deus”

é atribuído em sentido absoluto, mas apenas em sentido relativo, a fim de designar alguém que recebeu autoridade e poder, como no caso de Moisés diante do faraó; ou para alguém sobrenatural, como Satanás, a quem o mundo rebelde serve (1Jo 5:19).

Nos três casos, eles sempre foram e serão seres criados que dependem do verdadeiro Deus para existir. No entanto, Jesus está em um plano totalmente diferente de todas as criaturas finitas. A Bíblia revela que Cristo possui a mesma natureza divina do Pai (Jo 1:1); Ele foi o Agente ativo da Criação (Jo 1:3; Cl 1:16); tem os títulos divinos do Pai “o primeiro e o último”, “o princípio e o fim”, “o Alfa e o Ômega” (Ap 22:12-16); o Pai O chama Deus (Hb 1:8) e ordena aos anjos que adorem o Filho (Hb 1:6).⁹

O apóstolo João, ao escrever “o único Deus verdadeiro” (Jo 17:3), não estava excluindo Jesus, que é divino e da mesma natureza do Pai. Na Bíblia, o termo “único” é mais abrangente quando aplicado às pessoas da Divindade. Em Judas 1:4, a tradução literal do grego *ton monon despoten kai kyriou hemon Iesou Christou* é “nosso único Soberano e Senhor, Jesus Cristo”.¹⁰ De acordo com essa passagem, Jesus é “o único Senhor”, o que significa que, se aplicarmos a interpretação antitrinitariana, o Pai seria excluído de ser chamado “Senhor”. No entanto, Cristo chama o Pai de “Senhor do Céu e da Terra” (Mt 11:25). Isso significa que, embora Jesus seja “o único Senhor”, também não exclui o Pai de ser chamado de “Senhor”.

Em 1 Coríntios 8:6, lemos: “Para nós há um só Deus, o Pai [...]; e um só Senhor, Jesus Cristo.” Se a expressão “um só Deus” exclui Jesus de ser Deus, então a expressão “um só Senhor” também deve excluir o Pai de ser Senhor, como já foi mencionado.

Em Judas 1:25 a expressão grega *mono Theo soteri hemon dia Iesou Christou* é traduzida da seguinte forma: “Ao único Deus, nosso Salvador, mediante Jesus Cristo, Senhor nosso.” Aqui o Pai é o “único Deus”, e também é chamado de “Salvador”, no entanto, isso

não exclui que Jesus seja chamado Salvador (Lc 2:11; 2Pe 3:18; Tt 3:6; Fp 3:20).

Curiosamente, as denominações antitrinitarianas reconhecem que a palavra “único” não é exclusiva quando se trata de aplicar atributos às três Pessoas da Divindade. Por exemplo, 1 Timóteo 6:15 e 16, que diz: “Único Soberano, o Rei dos reis e Senhor dos senhores; o único que possui imortalidade.” Para alguns antitrinitarianos, esse texto se aplica a Jesus. Entretanto, observe que o texto fala do “único (*monos*) que tem imortalidade”. Será então que, ao dizer que Jesus é o “único que tem imortalidade”, a Bíblia exclui o Pai de ser imortal? Obviamente, não!

Eles têm tentado explicar que Jesus Se tornou imortal somente após Sua ressurreição, que Ele “não possuía imortalidade antes que Deus O ressuscitasse. Por essa razão [...] [Jesus] difere de todos os outros reis e senhores no sentido de que Ele é ‘o único que tem imortalidade’. Por serem mortais, os outros reis e senhores morrerem [...]. No entanto, o Jesus glorificado, [...] tem ‘vida indestrutível’ (Hb 7:15-17, 23-25).”¹¹ Além dessa interpretação questionável, é inegável que o texto diz “o único que tem imortalidade”, e se eles consideram que aqui se fala de Cristo, então é impossível negar o fato de que “único” não seja tão restritivo a ponto de excluir Deus, o Pai, dessa prerrogativa.

Os exemplos acima revelam que a expressão “único Deus verdadeiro” em João 17:3 não exclui que Jesus seja Deus porque, quando Ele orou ao Pai e disse essas palavras, Ele não estava Se eximindo da Sua unidade em natureza com o Pai (Jo 17:5), mas exaltando o Pai acima de todos os deuses inventados pelo homem, isto é, os falsos deuses. Além disso, deve ser lembrado que, no livro de João, a unidade entre o Pai e o Filho é tão estreita que a única maneira de conhecer o Pai é por meio do conhecimento do Filho (Jo 1:18; 14:6-11; 5:22, 23).

Conclusão

Portanto, à luz dos argumentos desse artigo, fica claro que João 17:3 confirma a divindade do Pai, mas não descarta a divindade plena e absoluta do Filho (cf. Jo 1:1), a qual está em total harmonia com a Bíblia.

Como ministros do evangelho, devemos estar conscientes de que a verdadeira mensagem de salvação deve ser levada “a cada nação, e tribo, e língua, e povo” (Ap 14:6). No entanto, na tentativa de alcançar todos, encontraremos pessoas que talvez não estejam ensinando em conformidade com as Escrituras. Por essa razão, é nossa responsabilidade preparar o rebanho não apenas para defender a fé, mas para alcançar aqueles sinceros que, vendo a verdade, desejem abandonar o erro. **M**

Referências

¹ *La Atalaya*, 19/4/2012.

² *¿Debería Creer Usted en la Trinidad?* (Brooklyn, NY: Watch Tower Bible and Tract Society, 1989), p. 18.

³ *Cristhian Alvarez Zaldúa, ¿Doctrina Bíblica o Invento Humano?* (Lima: Universidad Peruana Unión, 2012), p. 79-96.

⁴ *Jesus Cristo: preguntas y respuestas*, *La Atalaya*, 19/4/2012, p. 5.

⁵ “¿Quién es ‘el único Dios verdadero?’”, *¡Despertad!*, 22/4/2005, p. 6.

⁶ *Razonamiento a partir de las Escrituras* (Brooklyn, NY: Watch Tower Bible and Tract Society of New York, 1989), p. 404.

⁷ Reina-Valera (1995): “el unigénito Hijo”, mas no original, *monogenés Theos* (Deus unigênito).

⁸ “¿Hay un solo Dios verdadero?”, *¡Despertad!*, fev. 2006, p. 29.

⁹ “Adora a Jesus”, as Testemunhas de Jeová, em sua versão da Bíblia, traduzem “render homenagem”.

¹⁰ Bruce M. Metzger, *A Textual Commentary on the Greek NT*, 2ª ed. (Stuttgart: German Bible Soc., 1994), p. 169.

¹¹ *Perspicacia para Comprender las Escrituras*, v. 1 (Brooklyn, NY: Watch Tower and Tract Soc. of Pennsylvania, 1991), p. 1229.



Cortesia do autor


Cristhian Alvarez Zaldúa, doutor em Teologia, é professor de Teologia Sistemática na Universidade Adventista da Bolívia

Juízo e salvação

O evangelho segundo Naum

Matheus Alves





O livro de Naum talvez seja um dos mais polêmicos, controversos e menos apreciados de toda a Bíblia. Há bem poucas pregações sobre ele, e muitos cristãos sequer conhecem seu conteúdo. De fato, a linguagem usada pelo profeta não é muito atrativa para os leitores do século 21. Naum descreveu o Senhor como um Deus “vingador e cheio de ira”, que “toma vingança contra os seus adversários e reserva indignação para os seus inimigos” (Na 1:2). Depois, indagou: “Quem pode suportar a Sua indignação? E quem subsistirá diante do furor da Sua ira? A Sua cólera se derrama como fogo, e as rochas são por Ele demolidas” (Na 1:6).

Em sua narrativa, Naum fez referência a um catastrófico cenário de guerra em que se encontra um Deus irado contra Seus inimigos: “Eis o estalo de açoitões e o estrondo das rodas; o galope dos cavalos e carros que vão saltando; os cavaleiros que esporeiam, a espada flamejante, o relampejar da lança e multidão de traspassados, massa de cadáveres, mortos sem fim; tropeça gente sobre os mortos” (Na 3:2, 3). O livro é tão impopular que Duane Christensen, teólogo norte-americano, afirma que “nenhum livro na Bíblia tem sido tão mal visto quanto este. É frequentemente visto como a expressão de um profeta vingativo e nacionalista, comemorando a destruição de um inimigo. Naum tem sido descrito como um livro teológica e eticamente deficiente, e alguns o consideram obra de um falso profeta”.¹

A má compreensão de textos bíblicos como os que encontramos em Naum pode levar algumas pessoas a fazer distinção entre o Deus do Antigo Testamento, visto como ditador, carrasco, tirano e cruel, e o Deus do Novo Testamento, um Pai amorável e acolhedor. O cientista britânico Richard Dawkins afirma que “o Deus do Antigo Testamento, indiscutivelmente é o personagem mais desagradável de toda a ficção”.² Dawkins apresenta as pessoas que tiram conclusões precipitadas após uma leitura rasa e superficial das Escrituras. Considerando essas questões, a pergunta central é: Qual é a relevância do livro de Naum para os cristãos no século 21?

Contexto histórico

Para entender a relevância da mensagem de Naum, primeiramente precisamos conhecer o

contexto histórico em que o profeta viveu e compreender o que a mensagem significou para seus leitores originais, os habitantes de Judá.

O livro foi escrito entre 663 e 612 a.C. Nessa época, a Assíria era um império mundial, tendo Nínive como sua capital. Por volta do ano 1850 d.C., Austen Henry Layard encontrou importantes artefatos ao escavar as ruínas das cidades de Kalhu e Nínive, atuais Nimrud e Mossul, no Iraque, que ajudaram a reconstruir o contexto histórico de Naum. Entre esses achados encontra-se a estela de Assurnasirpal II, rei assírio que viveu cerca de dois séculos antes do profeta.

Nessa estela estão descritos alguns dos feitos e conquistas do rei. Em um dos trechos, o rei se orgulhava por ter arrancado a pele dos líderes de certa cidade que haviam se rebelado contra ele; emparedado 20 homens vivos entre as paredes do palácio; queimado prisioneiros; cortado braços, pernas, nariz e orelhas de outros e furado os olhos de muitos. Em outro trecho, ele se vangloriava por ter erigido uma coluna de cabeças humanas em frente a uma cidade inimiga.

Layard descobriu também as ruínas do palácio de Senaqueribe, outro rei assírio que viveu aproximadamente 50 anos antes de Naum. As paredes da sala principal estavam revestidas de painéis em alto-relevo, que retratavam a conquista da cidade de Laquis (cerca de 30 km ao sul de Jerusalém) em 701 a.C. Nesses painéis, é possível ver claramente a crueldade dos soldados assírios. Os desenhos mostram alguns prisioneiros sendo decapitados, outros sendo empalados ou violentamente arremessados de cabeça contra a parede.³

Como afirma Stefanovic, “os assírios eram notórios pelo uso brutal de poder e crueldade sem fim”.⁴ Naum chamou Nínive de “cidade sanguinária” (Na 3:1). Em termos atuais, poderíamos dizer que a Assíria “cometeu crimes contra a humanidade”.⁵

Esperança para Judá

O livro de Naum é uma sentença contra a impiedosa Nínive. A profecia foi clara: os assírios seriam destruídos. Era algo improvável na época, devido ao grande poderio desse império. Note, porém, que a profecia não falou de uma destruição temporária, mas da erradicação completa: O Senhor “vos consumirá de todo” (Na 1:9), “serão

inteiramente consumidos" (v. 10), "serão exterminados e passarão" (v. 12), "contra ti, Assíria, o Senhor deu ordem que não haja posteridade que leve o teu nome" (v. 14), o homem vil será "inteiramente exterminado" (v. 15).

As palavras do profeta foram uma mensagem de esperança para os habitantes de Judá e, sem dúvida, a melhor notícia que poderiam ouvir. Por isso, Naum disse: "Eis sobre os montes os pés do que anuncia boas-novas [lit. o evangelho], do que anuncia a paz!" (Na 1:15). Os habitantes da Judeia seriam libertos do seu pesado jugo e, finalmente, poderiam viver em paz. Por essa razão, o mensageiro de Deus convidou o povo a se alegrar e comemorar a iminente destruição dos inimigos: "Celebra as tuas festas, ó Judá, cumpre os teus votos, porque o homem vil já não passará por ti; ele é inteiramente exterminado" (Na 1:15).

A notícia da iminente queda dos assírios foi uma mensagem de conforto e alívio não apenas para os moradores de Judá, mas para todos os povos que sofriam debaixo da impiedade desse império. Não haveria ninguém que lamentaria sua queda: "Nínive está destruída; quem terá compaixão dela?" (Na 3:7), "todos os que ouvirem a tua fama baterão palmas sobre ti; porque sobre quem não passou continuamente a tua maldade?" (Na 3:19).

A profecia de Naum se cumpriu com rigor. No ano 612 a.C., uma coalisão dos exércitos dos medos e caldeus, liderada por Nabopolassar, conseguiu derrubar parte dos muros de Nínive, invadir a cidade e destruí-la completamente.⁶ Em menos de sete anos, todo o império havia sido riscado do mapa. A destruição foi tamanha que durante mais de 20 séculos não foi possível descobrir a localização de sua capital. O historiador grego Xenofonte (428-354 a.C.) passou pela região pouco mais de 200 anos após a ruína de Nínive e foi incapaz de identificar a localização da cidade. Alexandre, o Grande (356-323 a.C.) também

atravessou a região com seu exército e não conseguiu encontrá-la. Layard foi o primeiro a localizar Nínive desde o século 5 a.C. Muitos chegaram a duvidar se a grande capital, de fato, havia existido.⁷

A mensagem de Naum

A Assíria não existe mais. A maioria dos cristãos não tem origem judaica. Então, qual é a relevância do livro de Naum para nós? Há um termo técnico na teologia conhecido como *sensus plenior*. Essa expressão de origem latina significa literalmente "sentido mais pleno", e é aplicada quando um texto bíblico tem um sentido mais amplo do que seu significado imediato. De fato, nem sempre o profeta, o escritor ou os destinatários originais da mensagem divina tinham conhecimento desse fato. Contudo, o propósito de Deus era que, no tempo apropriado, Seu povo tivesse a compreensão ampla de Sua mensagem.

Qual é o *sensus plenior* de Naum? A profecia nos diz que o Senhor destruirá todos os Seus inimigos, e o mal será completamente exterminado um dia. Clive Anderson resume o significado da mensagem do profeta para os ouvintes originais e para nós ao sugerir o seguinte paralelo: "Povo de Judá, alegre-se! Os assírios não existirão mais. E, cristãos, alegrem-se! Porque o pecado e Satanás não terão domínio eterno sobre vocês."⁸

A mensagem mais ampla de Naum é encontrada em toda a Bíblia. No Salmo 110:1 está escrito: "Disse o Senhor ao meu senhor: Assenta-te à Minha direita, até que Eu ponha os teus inimigos debaixo dos teus pés", e o apóstolo Paulo afirmou que "o último inimigo a ser destruído é a morte" (1Co 15:26). Isaías, por sua vez, enche nosso coração de esperança ao dizer que o Senhor "tragará a morte para sempre e, assim, enxugará o Senhor Deus as lágrimas de todos os rostos, e tirará de toda a Terra o opróbrio do Seu povo", então, "naquele dia, se dirá: Eis que este é o nosso Deus,

em quem esperávamos, e Ele nos salvará; este é o Senhor, a quem aguardávamos; na Sua salvação exultaremos e nos alegraremos" (Is 25:8, 9).

Conclusão

Em Naum não vemos um Deus tirano e cruel, tampouco um Deus distante que está alheio aos sofrimentos de Suas criaturas. Vemos, contudo, um Pai amorável e protetor que está tão intimamente ligado aos Seus filhos que trata os adversários deles como Seus próprios adversários. Ele promete combater essa guerra conosco, como um guerreiro valente, para ajudar a libertar-nos do poder opressor de Satanás.

Por trás das duras palavras do profeta, vemos uma das mais belas mensagens de esperança em toda a Bíblia. Essa boa-nova deve ser levada a todo o mundo, especialmente por nós, que cremos na iminência do segundo advento de Cristo, quando o Senhor erradicará o mal completamente e "não se levantará por duas vezes a angústia" (Na 1:9). **M**

Referências

- ¹ Duane Christensen, *The Former Prophets* (North Richland Hills, TX: D&F Scott Pub Inc, 2002), p. 73.
- ² Richard Dawkins, *The God Delusion* (Nova York, NY: Houghton Mifflin, 2006), p. 31.
- ³ Austen H. Layard, *Discoveries in the Ruins of Nineveh and Babylon* (Nova York, NY: G. P. Putnam and Co., 1853).
- ⁴ Ranko Stefanovic, *Thus Says the Lord: Messages from the Minor Prophets* (Hagerstown, MD: Review and Herald, 2012), p. 93.
- ⁵ "Introdução a Naum", *Bíblia de Estudo Andrews* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2015), p. 1170.
- ⁶ Mark Allen Hahlen e Clay Alan Ham, "The Book of Nahum", *NIV Commentary* (Joplin, MO: College Press Publ. Co., 2006).
- ⁷ Clive Anderson, *Opening Up Nahum* (Leominster, MA: Day One Publ., 2005).
- ⁸ *Ibid.*, p. 58.



Matheus Alves é pastor na região de Xanxerê, SC

Diga-nos o que achou deste artigo: Escreva para ministerio@cpb.com.br ou visite www.facebook.com/revistaministerio

Evangelismo opcional?

Ao longo dos anos, missionários, evangelistas e pastores têm notado que em várias comunidades cristãs, a paixão pelo evangelismo pessoal tem caído sensivelmente. Em alguns lugares, fala-se com saudosismo do tempo em que membros voluntários saíam com seus materiais evangelísticos para estudar a Bíblia com as pessoas e conduzi-las a Cristo. A partir dessa percepção de queda, o Instituto Barna realizou um estudo intitulado

Spiritual Conversations in the Digital Age, comparando números de uma pesquisa realizada em 1993 com dados atuais. Os resultados indicam que nossa cultura digital, secular e contestadora tem impactado negativamente o engajamento evangelístico dos cristãos e, a menos que haja um trabalho intencional de conscientização missionária, a tendência é que o evangelismo pessoal entre em extinção.

Converter pessoas ao cristianismo é o trabalho da igreja local



Todo cristão tem a responsabilidade de compartilhar a fé



Fonte: Instituto Barna, "Sharing faith is increasingly optional to Christians". Disponível em <<https://goo.gl/e7Bf2n>>.


LIDERANÇA

Liderança de peso

Para liderar é preciso
olhar além das
circunstâncias

Júlio Leal





Liderar é um peso. E é um desafio mesmo para os que têm, ao que tudo indica, um “dom natural” para a liderança, um tino especial para lidar com gente, vislumbrar horizontes, resolver problemas, ser proativo, pagar o preço e inspirar. Não importa o tamanho de suas asas nem quantos oceanos você já cruzou. Tampouco importa a experiência dos anos, a força da juventude, as mais favoráveis e inusitadas correntes de ar sobre as quais já plainou, nem sequer o enorme prazer de voar em bando, pois nada disso elimina completamente aquela carga invisível, mas real, inerente à liderança; aquilo que alguns chamariam, talvez, de “ossos do ofício”.

Nesses “ossos” estão calcificadas as frágeis virtudes de cuja solidez depende a força da estrutura que permite suportar a pressão do dia a dia, com suas fadigas e fardos. A coragem, por exemplo, não elimina o medo de errar nem diminui a responsabilidade, especialmente quando deixamos de insistir um pouco mais, buscar mais, desejar ir mais longe, sem esmorecer. O líder acaba aprendendo isso. Descobre que é preciso ser destemido sem ser temerário; ser, ao mesmo tempo, prudente e audaz; ousado e humilde; arrojado e centrado; motivado sem ser impetuoso; concentrado no principal, mas sem descuidar dos detalhes. Curiosamente, a contradição parece ser a matéria-prima do produto que ele espera alegremente oferecer ao público com cara, embalagem e cheiro de coerência, de ordem, de perfeição.

O peso do exemplo

O líder é chamado a ser exemplo, mas ao olhar-se no espelho nota que, em muitos aspectos, ele não é nem pode ser! Eis a tragédia do humano. Contudo, lá no seu íntimo, ele abriga o sórdido desejo de ser exemplar, diferente, melhor; nem que seja só um pouquinho mais, para diminuir o desconforto de não ser Deus. Aliás, é assim que alguns seres humanos olham para os outros, como se fossem deuses. Vão além do respeito; prestam reverência. Vão além do elogio sincero; louvam lisonjeiramente. Vão além da justa admiração; recolhem-se em sua alegada insignificância.

Extrapolam. Esperam mais do que acertos; querem perfeição. Ofendem-se por muito, por pouco e por nada. Desejam coisas que não se atreveriam a pedir nem ao Papai Noel nem ao gênio da lâmpada; se eles existissem, é claro! Agem como se uma posição administrativa eliminasse aquela essência humana à qual todos estamos inexoravelmente acorrentados.

Daí o peso da liderança. Andar no fio da navalha. Não poder rir demais nem de menos. Nem comer demais, nem de menos. Nem falar demais, nem de menos. Não elogiar demais, nem de menos. Não mandar demais, nem de menos. Não insistir demais, nem de menos. Não sonhar demais, nem de menos. Não se ausentar demais, nem de menos. Não agradecer demais, nem de menos!

Não dá para ser tudo. Não dá para fazer tudo. Não dá para ser exemplo em tudo. Mas é possível ter metas elevadas, alçar voo, esticar as asas e cortar o céu azul, desajeitadamente (ou não), e ajudar outros a fazer o mesmo, sobretudo aqueles que jamais o fariam sozinhos, carentes que são de alguém que vá à frente, abrindo o caminho, reduzindo o risco, diminuindo as incertezas, dando segurança, “perdendo as penas”, curtindo a paisagem, animando, esquivando-se de uns problemas, resolvendo outros. Alguém que queira correr os riscos, ou por gostar mesmo de adrenalina, ou por apreciar a endorfina que vem depois que tudo dá certo e todos ficam felizes. Alguém que não se preocupa em que sua presença seja notada, mas aprecia quando sua falta é sentida, pois bem sabe o valor que tem. Alguém que faz a diferença, porque acredita que é possível, que vale a pena, e porque foi necessário; não porque quisesse sobressair e massagear seu ego com aplausos estrepitosos e vazios.

O peso das decisões

É fácil ser mal-interpretado, mas alguns não deixarão de expressar afeto por causa disso. Porão na balança. Tomarão

decisões difíceis. Correrão o risco. Ficarão, dentre os males, com o menor. A crítica sofrida tende a ser proporcional ao grau de autoexposição do criticado. Ainda assim, alguns se exporão. Não permanecerão na comodidade das sombras ou do anonimato. Levantarão os olhos. Não ficarão prostrados. Seguirão em frente. Como? Por fé, idealismo, raça, acidente ou vocação, não importa! Eles avançarão, sob críticas injustas ou não. Em meio a tempestades evitáveis ou não. Eles encontrarão uma forma de abstrair. Acharão um jeito. Sobreviverão. Mais que isso: Deixarão um legado verdadeiro, algo que não tenha o formato de seu umbigo, mas apenas os contornos de suas digitais. Deixarão um pouco do perfume das rosas que tocaram e que ofereceram. Serão capazes de inspirar; não a todos, obviamente, mas a alguns, e esses não de ser suficientes. Quantidade e qualidade nem sempre andam em harmonia. Mas o DNA aprende a se replicar. O tempo fará a semente germinar (Sl 126:5, 6). E os que com eles estiverem também vão querer ser sal. Luz. Leme. Farol. Âncora. Bússola. Sábios lúcidos. Mestres. Artífices. Pedras polidas, outrora brutas, como aqueles que trilham (ou ao menos tentam trilhar) o mesmo caminho que os fez heróis, ainda que lhes faltem superpoderes, o que não é incomum (2Co 12:7-10).

O peso da glória

Liderar é um peso. E Jesus sabia disso. Assim Ele fez e uniu duas coisas antagônicas, algo que só Ele mesmo seria capaz: Primeiro, chamou homens para abandonar a liderança dos peixes e assumir a liderança de outros homens. Ele humanizou, assim, a vocação para liderar. Tirou o foco do aspecto mercadológico, preveniu contra o excesso de pragmatismo, deu alma ao “negócio”, pôs no centro o bem-estar das pessoas, mas sob a ampla perspectiva do olhar de Deus (Lc 12:15, 24). E não parou aí.

Ele também pegou a parte mais pesada da carga e levou sobre Si (Mt 11:28-30). De que modo Ele fez isso? Oferecendo-nos Seu infinito poder (Lc 18:27; Sl 37:4, 5). Dando-nos lições eficazes e inesquecíveis (Mt 20:26, 27; Êx 18:13-27). Ele ensinou que nossa recompensa não está no reconhecimento social que eventualmente possamos obter (Jo 5:41, 44) nem no justo salário que venham a nos pagar (Lc 10:7; 1Co 9:14; 1Tm 5:18) nem mesmo nas vidas transformadas pelo efeito direto ou indireto de nosso trabalho (Mc 6:10, 11; 1Tm 4:16), coisa que nem sempre poderemos ver ou mensurar (Jo 4:37, 38). Ensinou que o que fazemos nunca é vão quando feito com a motivação correta (Mt 6:1-4; Ef 6:6; 1Co 15:58; Hb 6:10), mesmo que os métodos falhem e os resultados sejam escassos (Mt 5:11, 12; Hb 3:17, 18). Deu-nos razão para crer em milagres, sendo um dos maiores a beleza e leveza de uma vida com propósito, vivida para abençoar pessoas que não merecem, mas que são – como você e eu – objeto do amor. Daquele que nos deu os dons que fazem de nós aquilo que somos, o mesmo que gere os assuntos do Universo, que o rege com incansável maestria e que nos convida a ser Seus aprendizes e imitadores (Mt 11:29).

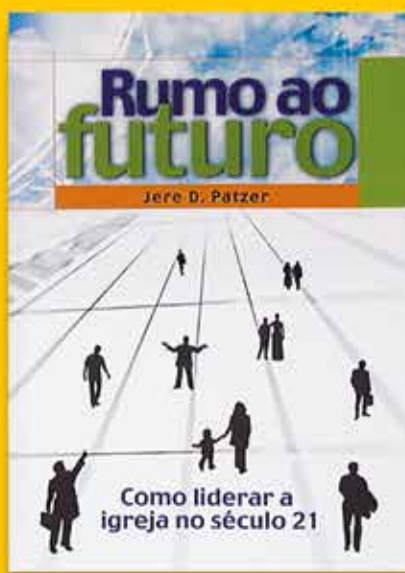
Portanto, não desanime! Pare, respire e siga em frente, não com resignação, mas pela convicção; não por obrigação, mas por solicitude (1Co 9:16-19). Transforme o limão em limonada. Faça a cruz se tornar ponte, uma ponte sobre o abismo. Perca peso. Fique leve. Troque o peso da vida presente pelo peso da glória futura, não atentando para as coisas que se veem, porque as que se veem são temporárias, mas as que não se veem, essas são eternas (2Co 4:16-18). **M**



Júlio Leal, doutor em Educação, é editor de livros didáticos na Casa Publicadora Brasileira

Diga-nos o que achou deste artigo: Escreva para ministerio@cpb.com.br ou visite www.facebook.com/revistaministerio

DÊ O PRIMEIRO PASSO DEUS VAI CONDUZIR VOCÊ



cpb.com.br | 0800-9790606 | CPB livraria | WhatsApp 15 98100-5073

Pessoa jurídica/distribuidor 15 3205-8910 | atendimento@cpb.com.br



/casapublicadora

Um convite para exaltar Jesus

Uma declaração da liderança executiva da Associação Geral e dos presidentes das Divisões

Honrar e exaltar Jesus é o compromisso fundamental da Igreja Adventista do Sétimo Dia e sustenta sua mensagem profética, a qual está expressa nas 28 Crenças Fundamentais. Salvação só pela fé levando a uma vida de discipulado a Jesus é o objetivo de nossa missão. Ao proclamarmos as três mensagens angélicas, asseguremo-nos de que Cristo esteja no centro de todas as nossas atividades e iniciativas.

Várias entidades dentro e fora da organização da igreja foram fundadas com o propósito de exaltar o nome de Jesus.

Essa honrosa tarefa também traz o desafio de proclamar um Cristo em harmonia com Sua Palavra. É nossa convicção que o Jesus que os adventistas do sétimo dia devem seguir e imitar é Aquele revelado na Bíblia: Aquele que Se apresentou como a verdade e confirmou a autoridade das Escrituras. É da maior importância nunca esquecermos que Jesus Se identificou como "o caminho, a verdade e a vida" (Jo 14:6). Ele realmente é o Verbo (Jo 1:1).

Muitas pessoas pedem conselhos aos líderes da igreja sobre como se relacionar com algumas iniciativas e organizações, algumas das quais são bem estabelecidas e amplamente aceitas, como as entidades reconhecidas pela ASI (Adventist-Laymen's Services & Industries, correspondente à Federação dos Empreendedores Adventistas do Brasil), que há muito cooperam com a igreja e sua liderança. Um desenvolvimento mais recente é o *One Project* (agora aparentemente em transição para se tornar o *Global Resource Collective*), sobre o qual algumas questões foram levantadas. Portanto, a liderança executiva da Associação Geral, unida aos presidentes das Divisões, decidiu oferecer algumas orientações sobre a avaliação de qualquer iniciativa que vise ao endosso da Igreja.

Elogiamos aqueles que, antes de se unir a qualquer iniciativa ou movimento, estudam para avaliar se tais movimentos estão de acordo com a vontade revelada de Deus (At 17:11). Como o próprio Jesus nos aconselhou: "Por seus frutos os conhecereis" (Mt 7:16). Ele também deu a advertência: "Nem todo o que Me diz: Senhor, Senhor! entrará no reino dos Céus, mas aquele que faz a vontade de Meu Pai, que está nos Céus" (Mt 7:21).

Em harmonia com a convicção expressa anteriormente que o nome de Jesus deve ser exaltado de forma consistente com Sua revelação proposicional nas Escrituras, convidamos nossos líderes de igreja e

todos os indivíduos preocupados em avaliar os fundamentos bíblicos de qualquer ministério ou iniciativa evangelística à luz de Isaías 8:20: "À lei e ao testemunho! Se eles não falarem segundo esta palavra, é porque não há luz neles."

A igreja está ansiosa por trabalhar com todos os que compartilham sua mensagem profética expressa nas 28 Crenças Fundamentais. À luz de questões que foram levantadas em relação a algumas iniciativas recentes, as seguintes perguntas, embora não exaustivas, fornecem algumas orientações para uma avaliação desses grupos. Apelamos a todas as organizações e iniciativas que estão unidas conosco em missão a reafirmar ou responder positivamente em seus canais de comunicação oficiais às seguintes questões cruciais:

1) O que significa aceitar Jesus Cristo? Quando dizem que aceitaram a Cristo, isso é apenas um Cristo místico da experiência; significa uma aceitação das verdades doutrinárias que Ele ensinou, ou ambos? Esse ministério ou iniciativa defende a expiação substitutiva de Jesus?

2) Como entendem o papel da doutrina na fé cristã? Existe uma conexão orgânica entre a pessoa de Cristo e Seus ensinamentos ou doutrinas? Existe o entendimento de que conhecer Jesus necessariamente inclui conhecer e viver Seus ensinamentos e as verdades bíblicas que Ele ensinou?


3) Entendem e apoiam a mensagem e missão da Igreja Adventista à luz de sua missão profética? Como expressam sua compreensão de 1844 e do ministério de Cristo no santuário celestial?

4) Compreendem a singularidade do movimento adventista do sétimo dia? Estão cientes da fé adventista e de como ela difere de outras denominações evangélicas que exaltam Jesus?

5) O que entendem sobre a criação? Acreditam que Deus criou o mundo em seis dias literais e descansou no sétimo dia em um passado recente, como compreendido e votado em nossas 28 Crenças Fundamentais?

6) Qual é o entendimento que possuem sobre a autoridade bíblica e interpretação profética? Aceitam a explicação historicista da profecia bíblica e compartilham a compreensão adventista do chifre pequeno de Daniel 7, os poderes da besta de Apocalipse 13 e o anticristo das Escrituras, e que a fidelidade a Cristo acabará culminando em um conflito sobre a lei de Deus com o sábado no centro dessa controvérsia final?

7) Devido às percepções atuais de gênero e sexualidade, que contradizem o ensino bíblico acerca do matrimônio e da família conforme aceito pela Igreja Adventista do Sétimo Dia, como entendem a identidade de gênero e a questão dos relacionamentos LGBTQ+ com os membros da igreja, à luz das Escrituras? Têm uma compreensão clara, inequívoca e bíblica sobre esse assunto?

Organizações, grupos ou pessoas que não podem afirmar as 28 Crenças Fundamentais da Igreja Adventista do Sétimo Dia e fornecer respostas claras e inequívocas para as perguntas acima não devem esperar o endosso das organizações da igreja. A liderança executiva da Associação Geral e os presidentes das Divisões convidam todos os membros e entidades da igreja a defender o nome de Jesus, apresentando-O ao mundo e vivendo de acordo com Sua vontade. Ao fazê-lo, Jesus deve ser proclamado em conexão com a verdade revelada na Bíblia e compreendida pelos adventistas do sétimo dia. Consequentemente, reafirmamos nosso maior compromisso, que é pregar "Jesus Cristo, e Este crucificado" (1Co 2:2). 

Desafio urbano

Ao concluir a faculdade de Teologia, em 2009, orei pedindo que Deus me enviasse a um lugar de grande necessidade, em que minha esposa e eu pudéssemos ajudar a maior quantidade de pessoas. Para nossa surpresa, recebemos o chamado para servir em Buenos Aires.

Nunca imaginei que nossa permanência na capital da Argentina, uma cidade muito desafiadora, chegaria a quase nove anos. Vimos a bênção do Senhor sobre nosso trabalho durante esse tempo, ao servir em quatro distritos e plantar cinco novas igrejas.

Após esses anos de trabalho como pastor em uma cidade tão grande, aprendi algumas lições que penso serem úteis para outros colegas de ministério:

O trabalho nas grandes cidades precisa de tempo e recursos para se desenvolver e amadurecer. Atos 18 registra a investida missionária de Paulo na grande cidade de Corinto. Acompanhado por Áquila e Priscila, o apóstolo se dedicou por um ano e meio a ensinar a Palavra de Deus aos coríntios. A obra missionária nas grandes cidades precisa de tempo para se desenvolver e amadurecer. É imperativo começar e continuar.

Uma visão do todo é fundamental. Onde semear? Onde cultivar? Onde e quando colher? Isso deve ser visto como algo contínuo no processo do discipulado. Durante esses anos em Buenos Aires, aprendemos a trabalhar com o "evangelismo artesanal". Para colocá-lo em ação e obter sucesso são necessários tempo, paciência, trabalho personalizado e proximidade com as pessoas.

O plantio permanente de novas igrejas deve ser uma prioridade em nossa missão.

Ellen White escreveu: "Aqueles que pouco antes se haviam convertido à fé estavam auxiliando com mãos voluntárias, e os que possuíam recursos ajudavam com seus meios. [...] O estabelecimento de igrejas, a edificação de casas de reuniões e edifícios escolares estendia-se de cidade a cidade, e o dízimo crescia para ajudar a levar avante a obra. Construíam-se edifícios não somente num lugar, mas em muitos, e o Senhor estava atuando para aumentar Suas forças" (*Obreiros Evangélicos*, p. 435). Precisamos olhar para nossas comunidades estabelecidas como ferramentas para continuar plantando novas igrejas, novos pequenos grupos e centros de influência. Devemos orar para não nos sentirmos confortáveis em uma congregação, mas para trabalhar pela expansão do reino de Deus por meio da plantação de igrejas.

Embora o ministério urbano exija mais tempo e recursos, o Senhor não desampara os que se dispõem a realizá-lo. Ellen White indica que o trabalho missionário nas grandes cidades proverá, por si mesmo, os recursos necessários para sua continuidade e seu desenvolvimento. Se você está trabalhando em uma metrópole, não desanime com a falta de recursos. O Senhor da Obra promete sustentá-la mesmo em meio à vida cara e às crises econômicas.

Um dos perigos do trabalho missionário nas grandes cidades é negligenciar o discipulado relacional ou realizá-lo de forma impessoal. Talvez o maior custo do trabalho não seja o de salões nem de locais de



Gratidão do autor

reuniões, mas o tempo necessário para o discipulado. É preciso estar perto das pessoas, acompanhá-las, dar-lhes atenção, cuidar delas e pastoreá-las para que possam se tornar discípulas do Mestre. Não devemos pensar em discipulado por meio de programas ou eventos. Fazer discípulos é um trabalho que demanda envolvimento pessoal. Paulo ficou em Corinto para ensinar a Palavra de Deus (At 18). Observe a clareza do texto: ensino pessoal, caloroso, contínuo e bíblico.

A missão nas grandes cidades requer que os membros com maior experiência e dons sejam pioneiros no plantio de novas igrejas. A tendência das igrejas maiores é centralizar os dons espirituais em poucos ministérios. Para que o trabalho missionário cresça é preciso que os membros dessas congregações tomem a iniciativa de plantar novas igrejas. Dessa maneira, o mais importante não é o pastor que leva adiante a obra evangelística, mas as pessoas com seus dons espirituais, que são necessários na missão de fazer novos discípulos mediante um plano de discipulado relacional e integral. **TM**

Marcelo Coronel é pastor em Buenos Aires

Ministério de êxito

Entre os mais importantes relacionamentos do pastor encontra-se aquele que ele mantém com anciãos, líderes de departamento e membros de sua igreja. Deus espera que o ministro e seus liderados amem uns aos outros, orem uns pelos outros, trabalhem e ganhem pessoas para Cristo juntos. A seguir, apresento algumas sugestões para desenvolver um relacionamento saudável com o rebanho.

Ame

Recentemente entrevistei um pastor com mais de 40 anos no ministério e uma carreira pastoral bem-sucedida. Pedi a ele que mencionasse duas coisas que havia aprendido ao longo do tempo. Ele disse: "Eu posso resumir o trabalho pastoral em duas frases. Ame a Deus de todo o coração, mente e alma, e ame aos outros como você ama a si mesmo. Isto é, tenha um coração inteiramente dedicado a Deus e às pessoas." O apóstolo Paulo desenvolveu afeição e dedicação pelas pessoas que pastoreou. Lembrava-se delas com carinho. Orava por elas. Unia-se a elas para espalhar o evangelho (Fp 1:3-5).

Expresse

Expresse amor pelos membros do seu rebanho. Eu sempre dizia às minhas congregações que as amava e continuamente orava por elas. Eu passava duas a três horas por semana escrevendo mensagens de encorajamento para muitos membros das minhas igrejas. Escrevia parabenizando aniversariantes, famílias com bebês recém-nascidos e voluntários que haviam realizado alguma ação na igreja ou comunidade. Em uma das igrejas que pastoreei, havia uma irmã casada com um investigador.

Ele visitou nossa igreja várias vezes. Em certa ocasião, ela liderou uma Escola Cristã de Férias. Depois, como forma de gratidão, a igreja os enviou a um retiro com todas as despesas pagas. O esposo ficou tão tocado que, após voltar do retiro, ele quis estudar a Bíblia comigo. Alguns meses depois, tive o privilégio de batizá-lo. Expressar apreciação e amor é algo que toca as pessoas.

Ore

Quando uma família está passando por momentos difíceis, o pastor deve orar com ela. Quando um membro está enfermo, o pastor precisa dedicar atenção ao caso e orar com ele. Muitas vezes, uma palavra de encorajamento ou um telefonema pode ser uma grande bênção. Eu desenvolvi o hábito de orar, cada manhã, pelas minhas igrejas e pelas comunidades em que elas estavam inseridas. Depois, eu ligava para os membros para dizer que estava orando por eles e perguntava se tinham algum pedido específico. Lembre-se de que a oração manteve a igreja unida durante os séculos de tormenta e tribulação pelos quais ela passou.

Cuide

As pessoas são mais importantes do que os programas. Elas gostam de se sentir amadas e cuidadas. Alguns pastores podem dar a impressão de que são mais afeitos a programações, técnicas e estratégias. Contudo, embora tudo isso possa ser importante e necessário, não é o que faz a igreja se realizar. Quando você tiver membros que amam Jesus e refletem Sua graça, então você terá uma igreja abençoada que crescerá naturalmente. Gaste tempo com os membros, desfrute do companheirismo com eles, ame-os, ore por eles e se esforce pelo bem-estar deles.

Reduza sua programação e dedique-se mais ao discipulado.

Edifique

Use seu ministério para edificar e desenvolver os membros. Alguns pastores têm a ideia de que a igreja em que estão seja somente um degrau para alcançar um ministério mais proeminente. No entanto, o maior produto de um ministério pastoral é o cristão inabalável que cresce na graça do Senhor. As pessoas são infinitamente preciosas aos olhos de Deus. Elas devem ser importantes para nós. Quando um ministro ama sua igreja e se alegra com um membro que está crescendo na fé, ele desenvolve um verdadeiro coração de pastor.

Quando assumi as responsabilidades de um novo distrito, verifiquei que uma das igrejas tinha uma dívida de aproximadamente 100 mil dólares e muitos conflitos entre os irmãos. Pela graça de Deus, dediquei amor e cuidado à congregação, alimentei-a espiritualmente e criei oportunidades para que seus membros crescessem na fé. Doze anos depois, quando saí, tínhamos cerca de 500 membros, 60 mil dólares no banco e um ambiente alegre e cheio de harmonia. Na festa de despedida, ouvi de cada um deles: "Obrigado por ter nos amado, se preocupado conosco e feito da nossa igreja um lugar agradável para adorar a Deus e conviver com os irmãos." Eu creio que o verdadeiro trabalho pastoral é ter o coração de Deus para com as pessoas. **M**



Cortezado autor

Joseph Kidder, doutor em Ministério, é professor no Seminário Teológico Adventista do Sétimo Dia, na Universidade Andrews



A Visão Apocalíptica e a Neutralização do Adventismo

George R. Knight, Casa Publicadora Brasileira, 2010, 112 p.

Como uma igreja pode perder sua vivacidade, utilidade e relevância? A resposta está na neutralização, ou esterilização, palavra relacionada à impossibilidade de reprodução. Se você acha difícil sua igreja passar por esse processo, saiba como o liberalismo protestante se esterilizou e descubra como o adventismo tem sido tentado a fazer o mesmo. O autor defende a revitalização da visão apocalíptica. Para ele, essa é a chave para renovar as forças no momento em que o mundo caminha para o fim.

George R. Knight considera esse pequeno livro o mais importante de sua carreira. Sem dúvida, é uma obra que deve ser lida por todos os que se interessam pelo futuro da Igreja Adventista e o cumprimento da missão. O autor nos faz refletir sobre a razão de ser do adventismo. É um livro que não pode faltar em sua biblioteca. Seu estilo é agradável e fluente, suas definições são exatas e sua análise é profunda.

George R. Knight é professor emérito de História da Igreja na Universidade Andrews, nos Estados Unidos. Ele é autor de muitos livros, incluindo *Adventismo, Uma Igreja Mundial* e *Em Busca de Identidade*, todos publicados pela CPB.

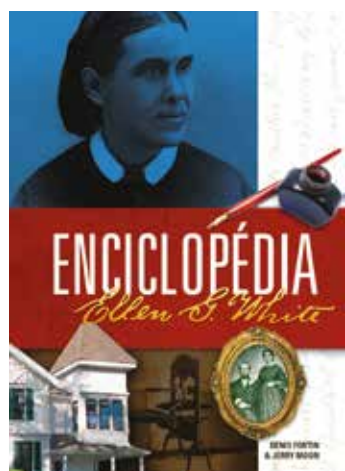


¿Adventismo Secular? Cómo entender la relación entre estilo de vida y salvación

Fernando Canale, Universidad Peruana Unión Publicaciones, 2013, 144 p.

Qualquer observador da história eclesial e da cultura cristã contemporânea percebe que o estilo de vida dos cristãos, inclusive dos adventistas, tem mudado ao longo dos anos. As diferenças entre a igreja e o mundo parecem estar se diluindo. Por que alguns adventistas têm abandonado um estilo de vida distinto e adotado o da cultura que os rodeia?

Neste livro, Fernando Canale responde a essa pergunta perturbadora. O autor analisa as causas da separação teológica e prática entre a vida cotidiana e a salvação. Esse fenômeno tem provocado uma crescente secularização no estilo de vida dos adventistas. Canale explora os fundamentos bíblicos que nos levam a concluir que o estilo de vida faz parte da experiência da salvação. Finalmente, sugere maneiras que podem ajudar pastores, líderes e membros a se engajarem em um ministério no qual a salvação e o estilo de vida resultem em uma experiência indivisível.



Enciclopédia Ellen G. White

Denis Fortin e Jerry Moon (org.), Casa Publicadora Brasileira, 2018, 1.568 p.

Organizada por Denis Fortin e Jerry Moon e escrita com a participação de mais de 180 especialistas de todo o mundo, é a maior obra de referência sobre Ellen G. White. São mais de 500 verbetes biográficos, mais de 800 verbetes temáticos e quatro apêndices com infográficos sobre a ancestralidade da autora e a relação entre seus escritos.

Também se encontra na *Enciclopédia* uma coleção de fotos antigas de Ellen G. White e sua família, bem como de pessoas, objetos, publicações e instituições apresentados nos verbetes. Há ainda os arquivos de documentos de todas as cartas e manuscritos da autora.

Na versão para o português foram acrescentados 39 verbetes relacionados ao contexto do adventismo brasileiro. A *Enciclopédia* nasce como um clássico e surge em uma época crucial da denominação. Sem dúvida, ajudará cada leitor e pesquisador a compreender melhor quem foi Ellen G. White e o que seus escritos disseram em seu tempo e têm a nos ensinar hoje.

Questão de identidade

Segundo o *Dicionário da Língua Espanhola* (RAE), a identidade é o “conjunto de traços próprios de uma pessoa ou de uma coletividade que os caracterizam frente aos demais”. Isso quer dizer que a identidade de alguém ou de um grupo se define pelo que os diferencia dos demais. Dificilmente tomaríamos consciência de nossa identidade particular, se não fosse pelo fato de entrarmos em contato com outro grupo distinto de nós. A identidade se fortalece quando as diferenças podem ser ressaltadas. Se uma organização é criticada ou atacada, as diferenças se tornam evidentes; os ataques externos provocam a defesa própria e, assim, se destaca e ressalta a identidade própria. Definitivamente, a identidade está relacionada aos limites: aquilo que nos diferencia dos demais, além do que não estamos dispostos a ceder ou avançar.

Contudo, neste mundo pós-moderno relativista, que tende à massificação, existe pouca tensão exterior, e os limites da identidade podem parecer difusos. Isso pode atentar contra nossa identidade distintiva, como adventistas do sétimo dia. As seguintes sugestões podem ajudar a renovar e manter nossa identidade adventista em um nível pessoal.

Ter uma firme base teológica e filosófica. No centro de nossa identidade religiosa se encontram nossas doutrinas. Esses fundamentos devem ser resguardados cuidadosamente. A menos que conheçamos e entendamos as bases bíblicas de nossa identidade como igreja, será difícil manter um forte sentido de identidade denominacional. A partir dessas crenças se estabelecem também os princípios fundamentais que dão forma ao estilo de vida de seus membros. Embora a aplicação dos princípios possa variar conforme o tempo e o lugar, é importante respeitar os princípios bíblicos que formam a base de sua identidade.

A identidade é mais do que somente a base. Uma vez estabelecida a importância da base teológica, é necessário compreender que a identidade denominacional é mais do que somente as doutrinas ou os princípios. Existem outras peças importantes no edifício, como as paredes ou o teto. Desse modo, a identidade de uma igreja também é fortalecida por sua história denominacional. Além disso, o propósito de uma igreja tem um

impacto importante, assim como os personagens, tanto do passado quanto do presente. Uma identidade saudável consiste em uma igreja ou congregação que é leal a si mesma, que entende seus fundamentos doutrinários e respeita e aprende de sua história.

Manter uma abertura equilibrada. Todo edifício tem portas e janelas. Desse modo, nossa identidade necessariamente tem pontos de contato com o exterior. Levantar muros de separação e isolamento pode levar ao fundamentalismo, cuja mentalidade obcecada buscará uma “igreja pura” com uma só classe de membros, e fechará as portas ao crescimento e ao cumprimento da missão. É importante entender e promover a unidade na diversidade, especialmente quando se trata de uma organização mundial como a Igreja Adventista. Se os fundamentos da identidade da denominação estão bem colocados, compreendidos e respeitados, não haverá perigo. Assim, será possível enriquecer o restante do edifício com as diferentes realidades geográficas, étnicas e culturais de seus membros.

Há também uma complicação nesse sentido. Numa sociedade tão mutável quanto a nossa, existe certa tensão entre a igreja e a sociedade, especialmente quando se considera que a igreja deseja se manter relevante e em contato com a sociedade, enquanto pretende permanecer firme e fiel em suas convicções. Contudo, as três sugestões mencionadas proveem o seguinte: Em primeiro lugar, um firme fundamento teológico e filosófico, estabelecido sobre a Palavra de Deus. Na sequência, o reconhecimento e o respeito por outros aspectos da identidade que podem levar a um senso de missão e propósito plenos. Por último, considerando os elementos inamovíveis da identidade, aprender a aceitar as diferenças entre os membros que não atentam contra as bases e se manter abertos a uma interação saudável com a sociedade, a fim de continuar sendo relevante neste mundo inconstante. **M**



A menos que conheçamos e entendamos as bases bíblicas de nossa identidade como igreja, será difícil manter um forte sentido de identidade denominacional.”

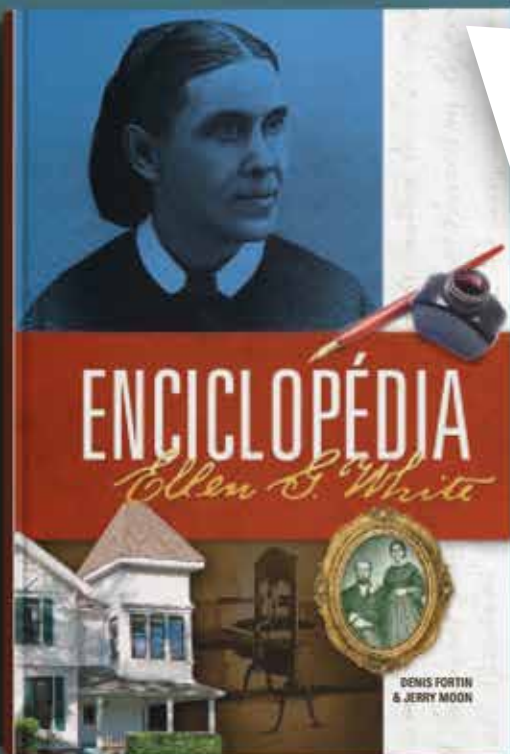


Gentileza do autor

Walter Steger, formado em Teologia, é editor associado da *Ministério*, edição em espanhol

CPB

LANÇAMENTO



ENCICLOPÉDIA ELLEN G. WHITE

Se você costuma preparar sermões, lecionar ou está buscando respostas para questões pessoais, encontrará informações preciosas e indispensáveis neste livro.

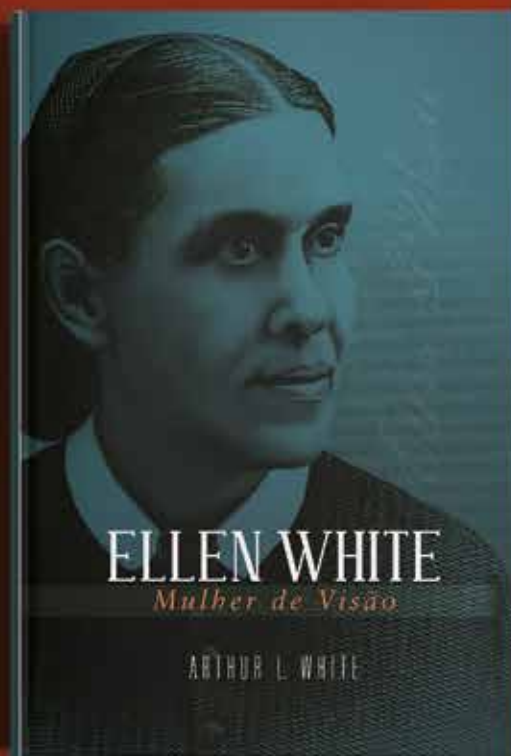
INFORMATIVO

EMPOLGANTE

ESPIRITUAL

ELLEN WHITE MULHER DE VISÃO

A mais ampla e detalhada biografia publicada em língua portuguesa.



cpb.com.br | 0800-9790606 | CPB livraria | WhatsApp 15 98100-5073

Pessoa jurídica/distribuidor 15 3205-8910 | atendimento@cpb.com.br



/casapublicadora